A
CENA
MUDA

11-11-53
Cr$ 4,00

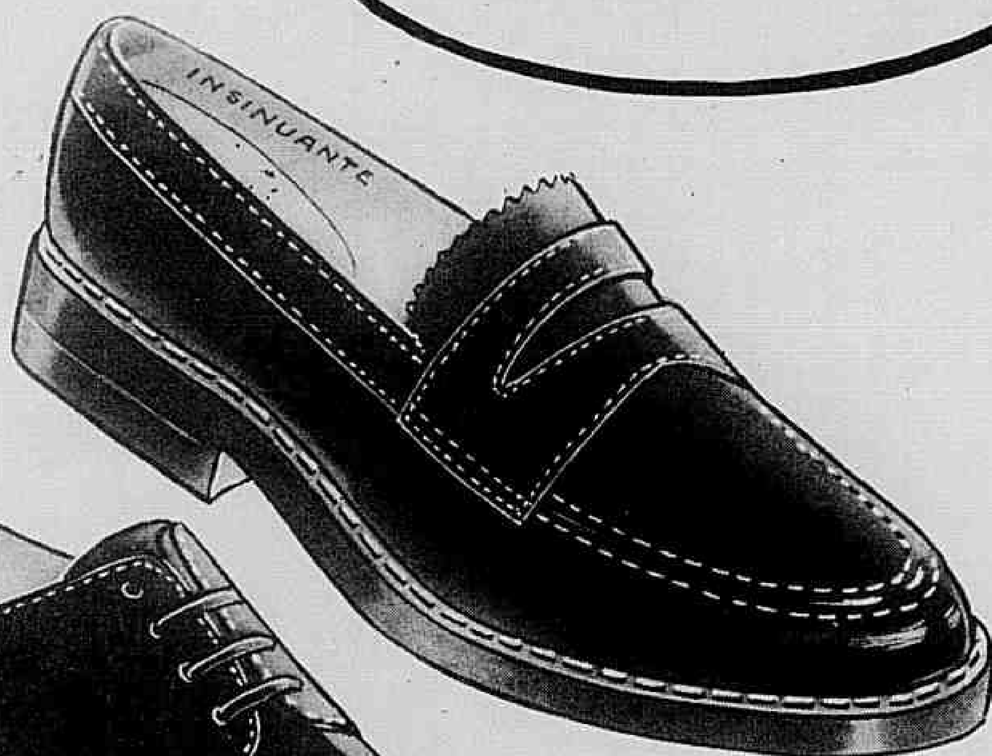


PATRÍCIA LACERDA NÃO QUER FILMAR EM S. PAULO

Bem Servir

CARACTERÍSTICA INCONFUNDÍVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE .!

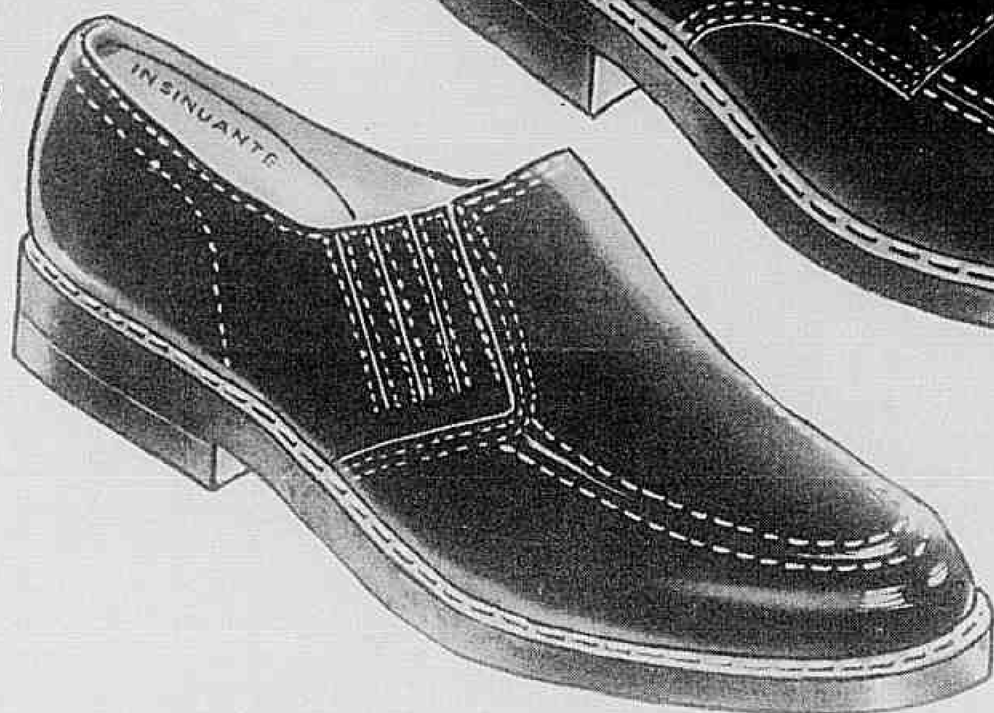
151



152



153



150
CRUZEIROS

- SALTO DE BORRACHA
- ÓTIMA VAQUETA
- TÔDAS AS CÔRES
- NUMERAÇÃO DE 36/44
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR CR$ 5,00
- NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

insinuante

É a maior e melhor sapataria da América Latina e é também uma galeria a sua disposição.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Devolve a importância com o mesmo sorriso com que lhe vende

Luiz Fernandes

apresenta em

A CENA MUDA

Danny Kaye e Oscarito respondem à CENA

"Marlene querida"

Uma voltinha pelos estúdios



O fato mais importante da minha vida! (pág. 22)

Cena Radiofônica

Rondando nas "boites"

Teatro



Patrícia Lacerda abandona o cinema! (pág. 4)



Angelika Hauff recebida pelo Presidente Vargas (pág. 18)

O circo chegou!

Por falar em cinema nacional...



As pernas de Barbara desafiam o tempo (pág. 12)



Hollywood em cena (pág. 7)

PATRÍCIA LACERDA ABANDONA O CINEMA!

'Desta vez é para sempre", diz a tréfega e linda garôta.



Patrícia Lacerda e Emílio Castelar, «a dupla romântica do cinema nacional»», que NÃO será vista na tela!...







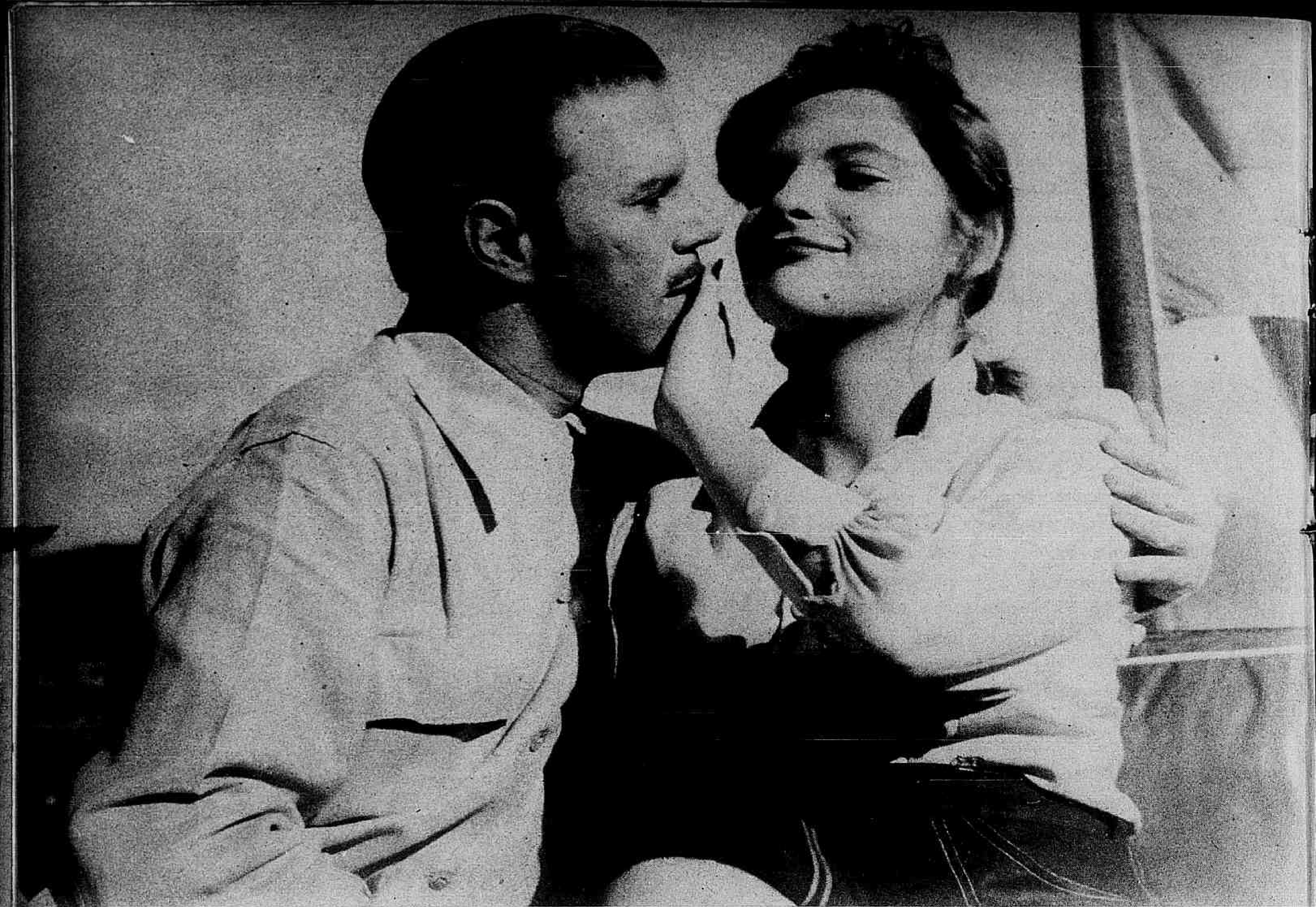
REALMENTE, essa irrequieta e encantadora Patrícia não anda com muita sorte! Depois daquela encrenca havida durante a filmagem de «Rua sem Sol», quando foi substituída por Dóris Monteiro, ela começava a se conformar com a perda do papel que havia sido escrito especialmente para ela, quando apareceu-lhe pela frente o Raphael Mancini, da «Sacra Filmes», oferecendo-lhe o principal papel feminino de «Nobreza Gaúcha», onde contracenaria com Emílio Castelar. Patrícia leu o argumento, gostou e se animou. E vocês precisam ver a garôta quando está animada! Torna-se tão expressiva e convincente, que qualquer pessoa acaba acreditando piamente em tudo o que diz. Que desta vez, sim, tinha aparecido a oportunidade de sua vida; que era um papel de fôlego, que o Mancini era bom diretor, o que tivera oportunidade de constatar, assistindo a uma exibição especial de seu último filme «Almas em conflito», com Rosângela Maldonado; que desta vez seria muito boazinha, para não dar margem a nenhum mal-entendido que pudesse afetar sua carreira, etc. Fomos vê-la em ação no primeiro dia de filmagem e verificamos que, realmente, se esforçava bastante e se submetia a tôda e qualquer imposição do papel ou da técnica de filmagem.

Pois bem, repentinamente, ela nos diz pelo telefone: «Não estou mais filmando «Nobreza Gaúcha». Meu contrato foi rescindido pelo Mancini, por causa de um dente que tive de extrair, o que ocasionou uma ligeira inchação do rosto. O Mancini ficou com mêdo de atrasar as filmagens, e como tinha de entregar o estúdio no





Ao lado, vemos Rafael Mancini abraçando Patrícia e Emílio Castelar, entre cenas de «Nobreza gaúcha». Em cima, uma das muitas cenas de amor que a película iria mostrar na tela...



Uma cena do único filme TERMNADO de Patrícia: «Com o diabo no corpo» onde aparece ao lado de Luís Delfino.

dia dezessete dêste mês, não podia ficar à minha espera. Contratou Maria Fernanda para me substituir e pronto: caí fora de outra fita! Francamente, não estou mesmo com sorte. Eu havia dito que não desejaria filmar em S. Paulo, por me sentir estranha lá, e por causa da concorrência que existe das «estrêlas» do cinema paulista. Fui mesmo convidada, mas recusei, embora o convite tenha sido motivo de grande orgulho para mim. Pois agora, digo o seguinte: não filmarei em S. Paulo, nem em parte alguma. Tomei a resolução de abandonar o cinema definitivamente! Aliás, mamãe disse que não assinará nenhum contrato para mim e sem a assinatura dela — já que ainda sou menor — não posso trabalhar. Além disso, eu mesma não quero. Estou aborrecida com os últimos acontecimentos, apesar de desejar que fique bem claro que em nenhuma das vêzes coube-me culpa. Tanto que o Mancini me convidou para estrelar sua próxima produção, intitulada «Cantando nasceu o amor», que iniciará dentro em breve, mas recusei. Não quero mais saber de cinema. Terminou uma carreira que apenas começara».

Se Patrícia levar mesmo avante essa resolução será uma pena, pois a garôta, aparecendo num único filme, «Com o diabo no corpo», provou que tem mais talento que muita veterana que anda por aí.

«Quem ficou desolado», continua ela, rindo, «foi o meu louro. O bichinho já estava tomando ares de « astro » de cinema, e já aparecera em algumas cenas. Hoje em dia, anda tão cabisbaixo, que nem quer falar. Êle está sentindo mais que eu o que aconteceu». Termina com estrondosas gargalhadas.

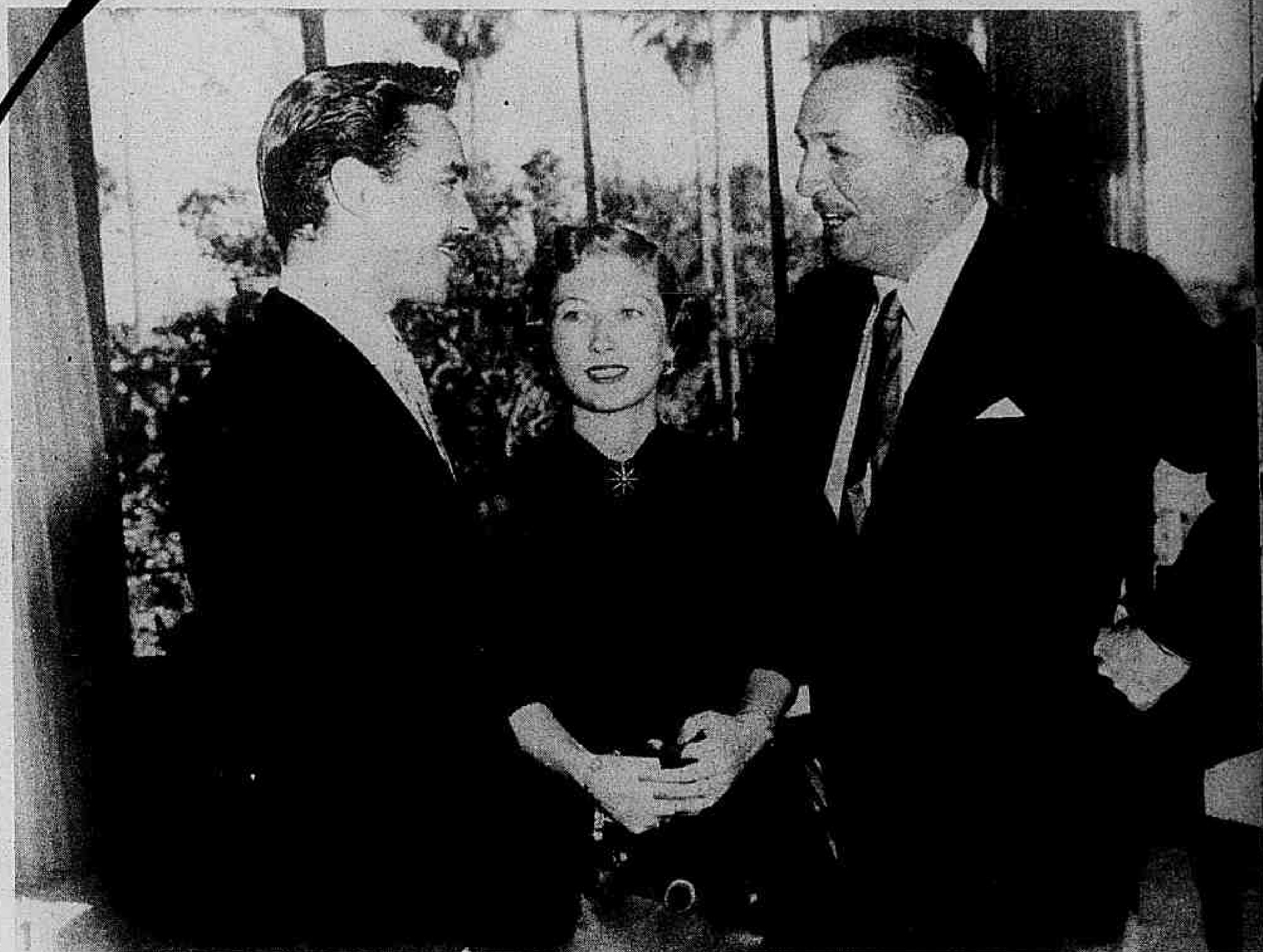
A verdade é que Patrícia está um pouco desnorteada. Cremos que isso é em virtude de sua pouca idade. O que faz, faz por esporte, não levando a coisa muito a sério, e assim, até essa resolução « inabalável » cairá por terra daqui a pouco e ela voltará ao cinema. E tomara que isso aconteça, pois seria uma pena perdermos um elemento valioso como o que representa. A garôta tem talento, é expontânea, jovem, bonita, e dona de uma personalidade encantadora. Vamos dar tempo ao tempo, e torcer para que ela mude de idéia dentro em breve, não é?

Hollywood em CENA

RICHARD TODD em HOLLYWOOD

RICHARD Todd, o "astro" inglês que tanto sucesso conseguiu interpretando o escocês rebelde de "Coração Amargurado", ao lado de Patrícia Neal, voltou a Hollywood, depois de uma temporada na Inglaterra, quando teve oportunidade de estrelar com Glynis Johns "Entre a espada e a rosa", produção de Walt Disney feita em tecnicolor com artistas de carne e osso. Richard estêve presente em New York à "première" do filme, viajando depois para a Terra do Cinema em companhia da loura espôsa.

Foi êle hospedado por Walt Disney, que depois de o acompanhar pessoalmente numa visita aos seus próprios estúdios, arranjou para que êle visitasse os da R.K.O., onde Richard têve ocasião de conhecer vários artistas que nunca havia visto pessoalmente, como Mala Powers, Ursula Thiess, Victor Mature, Piper Laurie e outros, Mr. e Mrs. Richard Todd passaram uns dias bastante agradáveis, pois já estavam com saudades do movimento cinematográfico da Califórnia. Embarcaram de volta a Londres, onde Richard tem compromissos a atender, mas em breve futuro estarão de novo em Hollywood para uma temporada maior, devendo êle estrelar uma produção para a R.K.O. Nos flagrantes, vemos: 1 — Walt Disney dá as boas vindas a Richard Todd e sua espôsa, Kitty; 2 — Richard visita o "set" de "Rengers of the North", na R.K.O., onde é apresentado a Victor Mature e Piper Laurie, "astros" da película; 3 — na sala de recepções da R.K.O., o "astro" inglês trava relações com duas belezas do cinema: Mala Powers, à esquerda, e Ursula Thiess, à direita; 4 — Richard palestra com seu velho conhecido, o também inglês Vincent Price, e a "estrêla" Betta St. John.


1







JEAN Pierre Aumont chegou a Hollywood, depois de ter feito um filme na França. Foi chamado pela Columbia, para estrelar uma de suas produções ao lado de Paulette Goddard. Hospeda-o o casal Louis Jourdan. A primeira coisa que fêz ao chegar, foi telefonar a Barbara Stanwyck e marcar um encontro para aquela mesma noite. E tôda Hollywood ficou sabendo que os belos brincos que Barbara estava usando foram trazidos especialmente para ela, de Paris. Parece que essa amizade terminará em casório, embora ambos se neguem a fazer comentários a respeito.

★ ★ ★

VERONICA Lake anda com a mania de "desaparecer" e deixar todo o mundo preocupado. Há pouco, ninguém teve notícias dela por três semanas, depois das quais ela surgiu muito contente da vida, como se nada tivesse acontecido. A uma pergunta, respondeu evasivamente que se encontrava viajando; poucos dias depois, ninguém mais sabia dela, nem mesmo seus parentes. Conclusão: foi dada novamente como desaparecida.

★ ★ ★

APÓS cinco anos de ausência, o conhecido ator característico, Basil Rathbone, herói de tantos filmes de sucesso, retornou a Hollywood para ser novamente "vilão" em fitas de cinema...

Basil encontrava-se em Nova York desempenhando o papel de Sherlock Holmes em programas da televisão, quando foi chamado para atuar com Bob Hope, Joan Fontaine e Audrey Dalton no tecnicolor "Casanova's Big Night".

★ ★ ★

MILLARD Mitchell, recentemente eleito pela "Associação dos Correspondentes Estrangeiros", de Hollywood, como o "melhor ator coadjuvante", foi convidado pela Paramount para integrar o "cast" de "White Christmas", produção musical de Bing Crosby, dirigida por Michael Curtiz.

Mitchell encontrava-se em Nova York atuando em shows *da televisão quando recebeu o convite da Marca das Estrêlas.*



Van Johnson visita Joan Crawford em seu camarim, durante a filmagem de «Torch Song», que ela termina para a Metro.

1621X1

A MÃE DE JUNE HAVER COMENTA A SAÍDA DA FILHA DO CONVENTO

A *comenta a saída da fi-* declarou-se há pouco imensamente feliz por ter a filha voltado para casa, embora nunca tivesse influído, ainda que ligeiramente, para que tal acontecesse. "June entrou para o convento", — diz ela, — "por sua própria vontade e por vontade Divina, e da mesma maneira se afastou dêle. Suas condições físicas não agüentaram o sistema de vida usado pelas irmãs de caridade, as quais faziam todo o serviço pesado daquela instituição. Não estando acostumada a isso, June foi se enfraquecendo até que um exame médico atestou que lhe seria impossível continuar. Foi um tanto a contra-gôsto que ela voltou, mas está bem conformada e diz que é Deus quem assim quer e que Sua vontade deve ser feita. Fala em voltar para lá quando recuperar os muitos quilos perdidos, mas já fui informada pela superiora de que tal não é possível. Desde que a noviça seja obrigada a se afastar do convento, jamais poderá nêle reingressar. Ela já tem recebido muitas propostas para filmar, mas nada resolveu, e talvez tão cedo não pense nisso. Se assim o resolver, não vejo por que não o deva fazer, pois acho que deve continuar levando a vida normal que levava antes de abandonar Hollywood."

Margaret Truman, que adquiriu fama como filha de Presidente e cantora, tem muita vontade de entrar para o cinema. Enquanto isso não acontece, consola-se em interpretar filmes no rádio, o que aconteceu há pouco, quando contracenou com James Stewart.



A CENA pergunta DANNY KAYE e OSCARITO respondem





1 *A que atribui o seu sucesso no cinema?*

2 *Como se sente sendo o maior cartaz cômico do cinema? (norte-americano e nacional, respectivamente)*

3 *Acha que o comediante tem direito de ser temperamental?*

4 *Qual a sua impressão ao trabalhar ante as "cameras"? Prefere o cinema ao teatro? Por quê?*

5 *Conte-nos um dos episódios curiosos que lhe tenham acontecido.*

6 *Teme que lhe seja feita alguma pergunta indiscreta?*

7 *O que acha da carreira cinematográfica?*

8 *Leva a sério suas comédias?*

9 *Pretende ser sempre um comediante?*

10 *O que acha do seu último filme?*

DANNY KAYE

1 **A muita sorte e colaboração de minha espôsa, que é quem fornece idéias e piadas para meus filmes.**

2 **Embora não me considere assim, confesso que me sinto feliz em poder proporcionar alguns momentos de felicidade à humanidade que, enquanto ri, se esquece de seus problemas contínuos.**

3 **Por que não? Temos o direito de nos aborrecer como qualquer mortal. Um comediante sente e age como todo mundo.**

4 **Acho cansativa a repetição de cenas e difícil conservar a naturalidade em tôdas elas. Não, prefiro o palco, pois me sinto muito mais à vontade quando me dirijo diretamente à assistência, cuja reação me anima bastante.**

5 **Quando ia estrear na Broadway, ansiava por ver meu nome na fachada do teatro, escrito com luzes. Ao chegar o dia... começou o «black-out»!**

6 **As perguntas nunca são indiscretas!**

7 **Curiosa a princípio, imprescindível depois.**

8 **Sim. Procuro imprimir algo de real mesmo nas cenas que devem ser ridículas. Para se conseguir uma risada, tem-se de exagerar, mas com comedimento. Até o exagêro deve ter um limite.**

9 **Sim. Considero meu papel muito importante! Fazer o mundo chorar é fácil, mas fazer rir é bem difícil.**

10 **Não gosto de comentar meus filmes. Nunca estamos plenamente satisfeitos com nossos trabalhos, portanto, é ao público que compete julgá-los.**

OSCARITO

1 **Aos inúmeros filmes que já fiz, encontrando sempre o apoio e o estímulo de um público carinhoso e compreensivo.**

2 **Eu me sentiria òtimamente, se realmente eu fôsse o maior cartaz cômico do cinema!**

3 **O temperamento pode ser defeito ou virtude. Por que um comediante não teria êsse direito, como qualquer outro normal?**

4 **Em virtude de ter uma convivência quase diária com a câmara, ela não me emociona mais. Não tenho preferência; tanto me agrada o teatro como o cinema. O principal êles têm em comum, que é a representação, portanto, satisfazem-me igualmente.**

5 **Minha vida é um amontoado de aventuras e peripécias, tornando-se difícil escolher um episódio curioso que me tenha acontecido.**

6 **Por mais indiscreta que seja uma pergunta, eu sempre arranjarei um jeito de me sair bem.**

7 **Enquanto meus salários forem elevados, não posso ter queixas a respeito.**

8 **Sim, levo-as a sério, pois foi por meio delas que consegui ser o que sou atualmente.**

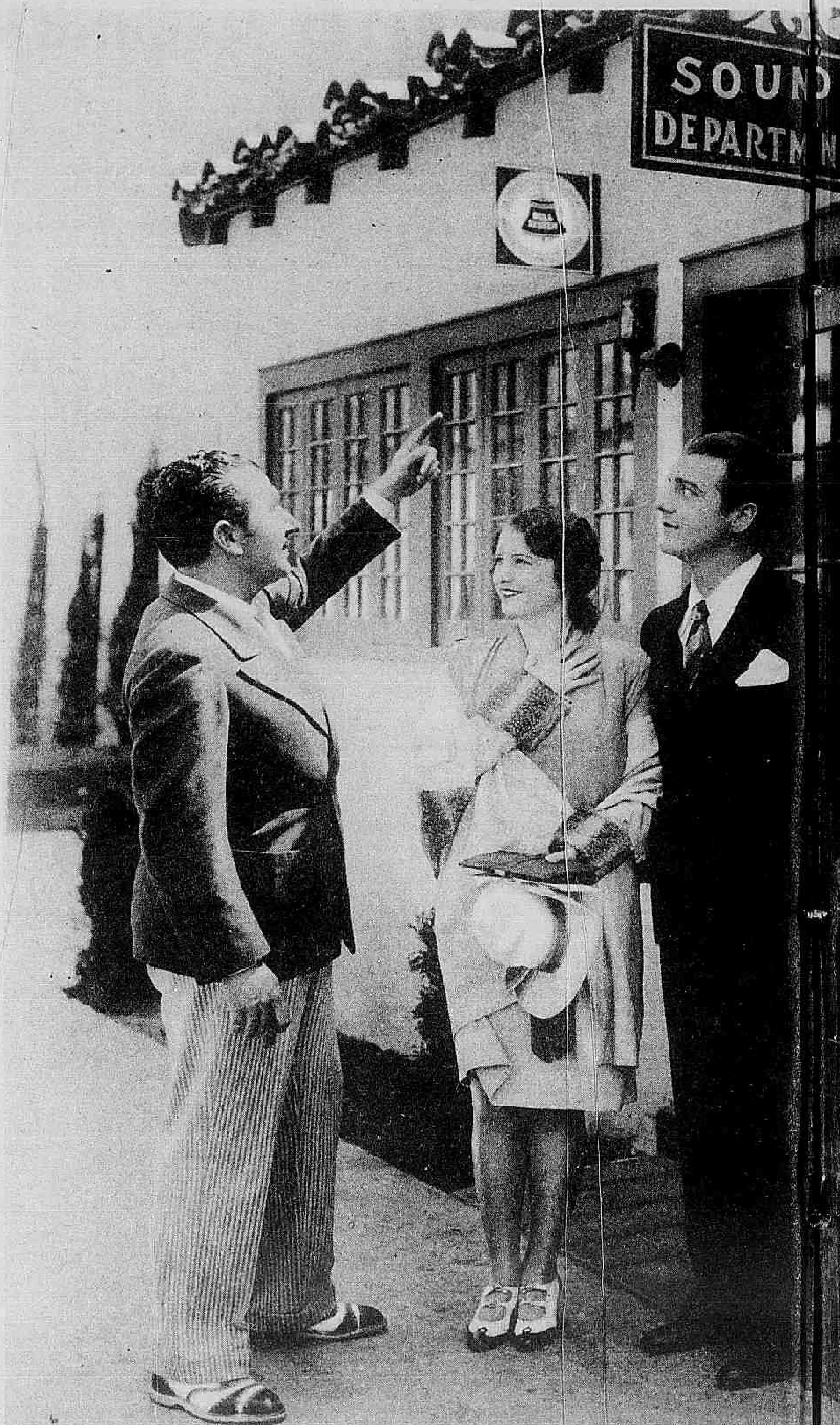
9 **Sim, sempre; descobri que é exatamente o que desejava ser.**

10 **«Nem Sansão nem Dalila» reúne graça, beleza e um grandioso cenário, contendo, assim, muitos requisitos para agradar ao público. Só lamento não ter sido em tecnicolor, pois o efeito seria ainda melhor.**



1927 Em sua primeira experiência dramática, Barbara, então Ruby Stevens, assim aparecia no filme «The Noose»

As pernas de Barbara Stanwyck desafiam o tempo!



1929 Depois de uma temporada teatral em Nova York, Barbara volta a Hollywood acompanhada do marido, Frank Fay.

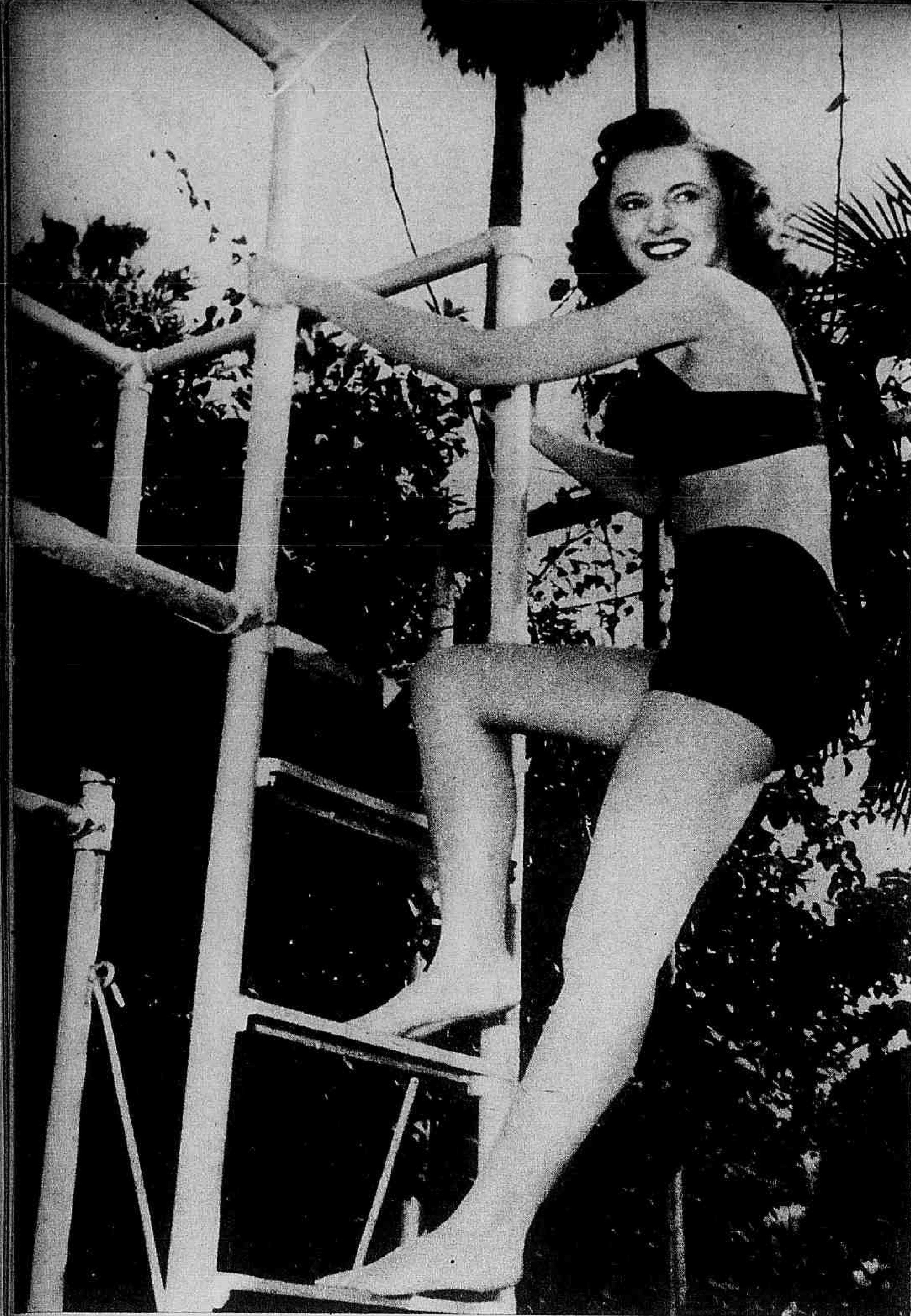


CONSIDERADA hoje em dia — aliás, muito justamente — uma das grandes damas da tela, por seu talento raro, Barbara Stanwyck jamais se esquecerá de que iniciou sua carreira cinematográfica exibindo seus predicados físicos. Foi em 1927 que o produtor Willard Mack, atentando para seus membros inferiores, deu-lhe uma pequena oportunidade na película «The Noose», que ela aproveitou de unhas e dentes. Não passou disso, entretanto, e de volta a New York, aceitou um papel insignificante numa peça teatral que, pelo menos, lhe valeu alguma experiência no campo de representar. E em 1929, já voltava a Hollywood, não só com a experiência, mas com um marido pelo braço, Frank Fay. A moda, então, exigia que as pernas fôssem exibidas para tristeza de muita mulher, mas não para Miss Stanwyck, pois orgulhava-se até bastante das suas. Daí para cá, sòmente uma vez ou outra quando assim exige o argumento, volta ela a mostrá-las, e para provar que o tempo não consegue alterá-las, Barbara aparece na seqüência inicial de sua nova película, «Desejo Atroz», interpretando uma cena de «vaudeville» lá pelo ano de 1910, em atitudes de Marirlyn Monroe ou Jane Russell.

Barbara acha que não é necessário um par de pernas bem torneadas para se conseguir sucesso na carreira cinematográfica, mas afirma que ajuda. De uma maneira ou de outra, aconselha a tôdas as garôtas que se aventurem na mencionada carreira, desde que acreditem que possuem realmente queda. «O que não deve acontecer», diz ela, «é deixar-se

1942 Em «Bola de Fogo», com Gary Cooper, teve ela oportunidade de mostrar uma bonita plástica.





1947 Uma das suas raras aparições em «maillot» deu-se na película «Outro amor».

abater pelos primeiros revezes, que em via de regra acontecem. Deve-se ter fôrça de vontade e tocar para a frente, persistir sempre».

«Há diversas maneiras hoje em dia de se conseguir alguma experiência antes de entrar para o cinema. Dizem que é mais fácil conseguir aparecer na televisão. Deve-se tentar. Deve-se tentar o rádio, a «boite», qualquer coisa, desde que signifique trabalho e experiência. O cinema virá depois, quase automàticamente.»

Barbara acha que a televisão é um achado, principalmente pela concorrência que veio fazer ao cinema, fazendo com que os produtores melhorem consideràvelmente a qualidade dos filmes. Exigente ao extremo consigo mesma, ela raramente está satisfeita com seus filmes e acha mesmo que nos últimos anos o nível da produção de Hollywood baixou bastante, mas que já começou a se reerguer, justamente pela concorrência que a televisão começou a fazer.

E é por isso mesmo que ela aconselha a carreira cinematográfica, que agora, mais que nunca, estará aberta a valores novos, sempre procurando melhorar sua posição e não se deixando sobrepujar por qualquer novidade que por ventura apareça.

1953 Em seu próximo filme, «Desejo Atroz», da Universal, Miss Stanwick aparecerá assim numa seqüência de «vaudeville» do ano de 1910. Como se pode verificar, o tempo não consegue abater os predicados da talentosa atriz.



Uma voltinha pelos estúdios

ESTÃO satisfeitos, hein? Já sabem que nossa visita de hoje será ao estúdio da Brasil Vita Filmes, onde o Watson Macedo está rodando o seu filme de Carnaval, não é?... Vamos ver se alguém advinha quem iremos ver em ação por lá, "acabando-se" num samba gostoso. Virgínia Lane? Dircinha Batista? Emilinha Borba? Ivon Curi? Parece que todos êles tomarão parte em números carnavalescos. Todos êles e muitos outros!.. Mas vocês têm muito tempo para pensar nisso, pois a caminhada é um tanto longa. Sabem que o estúdio fica lá no alto da Tijuca, não sabem?

Chegamos. Vamos entrar depressa que a coisa lá dentro deve estar pegando fogo. Aliás, caso ainda ignorem, êsse é o título provisório da película: "Pegando Fogo". Mas... o que é aquilo?! Será que entramos em "set" errado? Não está com jeito nenhum de filme carnavalesco!... Vocês repararam como a Mary Gonçalves estava furiosa porque o galã, Johny Herbert, lhe disse que iam se separar para sempre, pois amava a Adelaide Chiozzo? Gostei da reação dela, quando êle saiu, atirando o uísque, com o copo e tudo, na porta que se fechava. E a Mary, bonita como sempre, hein? Vocês aí, rapazes, que não deram atenção alguma ao que o Watson Macedo me dizia, e ficaram sòmente encarando a Mary, ouçam para não começarem depois a fazer perguntas desnecessárias.

Disse êle que ainda não escolheu o título do filme, que poderá ser "Pegando Fogo" ou "O petróleo é nosso". Ou, — quem sabe? — um outro qualquer. Não se trata de um filme carnavalesco, mas de uma comédia para qualquer época do ano, apresentando alguns números musicais de Carnaval. Aliás, é êsse sistema que êle vem adotando ùltimamente. A história parece ser muito engraçada, principalmente por ser protagonizada pela gozadíssima Violeta Ferraz, acompanhada de Catalano (em dois papéis), Pituca, e essas duas talentosas "estrêlas" de nossos teatros, Nanci Vanderlei e Consuelo Leandro. O triângulo amoroso é formado por Mary Gonçalves, Adelaide Chiozzo e Johny Herbert, que veio de São Paulo para tomar parte na película. Quanto aos números musicais, ficarão para o fim, pretendendo êle apresentar, se possível, Virgínia Lane, Emilinha Borba e Marlene, três nomes que separadamente já garantiram o sucesso de qualquer filme. Vocês ouviram aquela gargalhada que veiu do camarim da Mary? Deve ser alguma piada que um dos componentes do elenco contou. Vocês sabem como a Mary é louca por piadas!... E lá vem ela, tôda risonha. Está mais gordinha, ou melhor, menos magra, pois não tem trabalhado em "boites" ùltimamente. Disse-me que ganhou oito quilos e que agora chega! De fato, assim está... ótima! O que é que vocês acham? Não, não precisam responder, que eu já sei...

O Macedo me disse, também, que até hoje não fêz senão preparar o terreno para produzir e dirigir "de verdade", argumentos sérios e consistentes, o que espera que aconteça num futuro breve. Talvez com "Sinfonia Carioca", um argumento seu que está reservado para sua sobrinha, a linda e loura Eliana, assim que ela se desembarasse do contrato que tem com a Atlântida. Contou-me seu pai, o Elias Macedo, que tal contrato não será renovado, e assim ela poderá estrelar o musical do Watson, a ser produzido em grande estilo.

Aliás, a história de "Pegando Fogo" (ou "O petróleo é nosso") também é de autoria do Macedo, sendo os diálogos e os cenários de Cajado Filho. O diretor de fotografia é nosso amigo Mário Pagés. Quem é Mário Pagés?!... Sua memória está fraquinha, hein? Você conversou tantas vêzes com êle na Flama, quando êle fotografava "Agulha no Palheiro", lembra-se agora? Ainda bem...

Agora, silêncio, pois vão repetir aquela cena da briga do casalzinho amoroso, pois o Watson não acha que saiu cem por cento. E por falar em sair, o melhor que nós temos a fazer é ir dando o fora, pois está ficando tarde e, afinal de contas, já sabemos que a cena terminará com a Mary espatifando outro copo de uísque de encontro à porta. Sei lá se o que ela estava bebendo era uísque mesmo! Em caso afirmativo, pode até errar o alvo e atingir-nos em cheio! Já estão convencidos de que devemos nos retirar? Na próxima semana tem mais...

LUÍS FERNANDES

Convidada de honra

MADAME ILSE ELKINS, A PRIMEIRA E ÚNICA AGENTE DE ARTISTAS NO BRASIL, FALA-NOS DAS LUTAS E RECOMPENSAS DE SUA PROFISSÃO. ORGULA-SE DE TER SIDO A DESCOBRIDORA DE DANIELLE DARRIEUX, LILI PALMER, ILKA SOARES, JARDEL JERCOLIS, HÉLIO SOUTO E OUTROS.



QUANDO há 5 anos comecei a exercer minha profissão de agente teatral e cinematográfica em nossa terra, essa profissão era algo completamente desconhecido aqui. No princípio não fui recebida com muita amabilidade pelos produtores cinematográficos. Olhavam-me como a uma parasita, cuja finalidade seria a de levantar os preços de produção, prejudicando dessa maneira os pobres produtores, além de cobrar uma comissão sôbre os contratos dos mal remunerados artistas. Achavam todos que se tratava de uma profissão inútil e que não exigia o menor trabalho.

Não levei a sério o engano que cometiam, certa de que um dia reconheceriam a necessidade de um agente, conhecido nos Estados Unidos como «manager», que facilita a colaboração entre o produtor e o artista.

Muitos ainda não têm ciência das ocupações e responsabilidades de um agente. Para exercer essa profissão, é necessário muito carinho, paciência e altruísmo, pois procura-se conseguir sucesso para outrem e não para si mesmo. A melhor prova de que minha profissão é bastante ingrata e que sua remuneração não é obtida com tanta facilidade e em tão larga escala é o fato de ninguém ter procurado imitar-me até hoje. Um «manager» tem de ser «toujours en vedette», deve assistir a qualquer espetáculo novo de teatro ou de cinema, estar sempre à disposição de seus artistas e, ao mesmo tempo, buscando novos talentos. Se os encontra, deverá encontrar produções onde colocá-los, e a percentagem de êxito é mínima. Deve êle agir cuidadosamente e zelar pelos interêsses de seu cliente, conhecendo a fundo suas capacidades para preparar uma carreira de maneira sólida e orgânica — para não se arriscar a um fracasso logo de início, pelo simples fato de ser a tarefa difícil demais para o artista.

A profissão de «manager» exige experiência de muitos anos em questões artísticas — teatrais e cinematográficas — e possuir formação jurídica, pois terá também de tratar de assuntos comerciais. Descobrir talentos e empresar artistas é um talento especial em si mesmo, mas de nada servirá se o «manager» não elabora os necessários contratos entre os produtores e os artistas, de maneira vantajosa para ambas as partes.

Sou grata a Mário Civeli, por ter sido o primeiro a reconhecer a necessidade de meus serviços, ajudando-me a captar a confiança dos demais produtores e dos artistas em geral. Hoje, estão todos convencidos de que meu trabalho poupa-lhes muita perda de tempo, muitos mal-entendidos e muitas complicações. Em outros países, como Estados Unidos, França, Inglaterra, etc., onde as produções têm volume muito mais amplo que no Brasil, os serviços de um agente são absolutamente indispensáveis. Mas não se deve confundir um agente com prestidigitador ou mágico, pois se não se produz, não pode êle arranjar contratos, dependendo, ainda, da opinião e gôsto do produtor e diretor. As bases dêste negócio são as mesmas que em qualquer outro ramo, comercial ou industrial. Muitas vêzes, é difícil explicar isto a artistas de cujo talento estou convencida, e, também, porque não devem aceitar êste ou aquêle papel. Êsse é apenas um dentre os inúmeros problemas com que temos de lutar, pois a vida do artista passa a nos pertencer também, chegando-nos aos ouvidos tôdas as suas preocupações, dúvidas, ciúmes, impaciências, etc. A totalidade dos artistas tem seus problemas, e o problema de cada um é sempre o mais importante do mundo. Assim, o telefone funciona de uma madrugada a outra, sem interrupção, precisando o agente muitas vêzes ser diplomata, estrategista, psiquiatra, advogado e muitas outras coisas, para remediar os casos que lhe são apresentados!

Apesar disso, adoro minha profissão, suportando tudo perfeitamente. Sinto-me enormemente recompensada pelos sucessos de muita gente que lancei no cinema nacional. Ilka Soares, Jardel Filho, Miro Cerni, Alexandre Carlos, Angelika Hauff, Hélio Souto, Lisca Ayde são hoje «astros» e «estrêlas» de primeira linha, e outros já estão a caminho do estrelato. Lili Palmer e Danielle Darrieux, hoje mundialmente consagradas, eram também pequenas principiantes até serem descobertas por mim. Menciono êsses dois nomes de projeção universal ùnicamente porque gostaria de lançar brasileiros no cenário internacional. Digo expressamente internacional porque qualquer artista de reconhecido talento pertence ao mundo todo. A arte não tem fronteiras!



A «estrêla» alemã Angelika Hauf, da Multifilmes, ao ser recebida pelo Presidente da República, com quem trocou idéias sôbre o cinema nacional e manifestou seu desejo de se naturalizar brasileira.

LUIZ FERNANDES

escreve:

POR FALAR EM CINEMA NACIONAL...

... a Multifilmes ofereceu um coquetel à imprensa carioca e convidados, para promover o lançamento de "Destino em Apuros", primeiro tecnicolorido nacional.

Além da classe que lá estava em pêso,. viam-se por todos os lados fisionomias familiares de "astros" e "estrêlas" da tela brasileira. Mari Gonçalves, como sempre esfusiante de alegria e muito popular entre os marmanjos; Lisca Ayde, uma verdadeira beleza vampírica, obsequiava os presentes com olhares lângüidos e sorrisos glamorosos; a juventude gritante de Ana Beatriz, a nova "estrelinha" que estréia em "Tôda a vida em 15 minutos"; Emílio Castelar, com sua estatura exagerada; Aurora Duarte, outra que é muito popular entre o sexo masculino, rodeada por representantes do dito; Orlando Vilar, Armando Couto e outros, não se falando no casal de anfitriões, Madame Ilse Elkins, muito amável como sempre, e Mário Civelli.

Correu tudo em ambiente de cordialidade até que um ou dois jornalistas, chamados para dizer algo ao microfone, referiram-se à produção da Multifilmes em têrmos pouco lisongeiros, o que não cabia, em se tratando de uma festa oferecida por aquela emprêsa.

... começam a rodar os filmes carnavalescos das diversas produtoras. Paulo Vanderlei dirige para a Flama, "Carnaval em Caxias", a Atlântida comparecerá com "Tudo é Brasil", Watson Macedo filma um com Violeta Ferraz e Catalano, sem título definitivo, e, talvez ainda surjam outros por aí, feitos muito às pressas...

★ ★ ★

... vocês sabem que Marlene completa vinte e nove anos no dia 22 dêste? Tomem nota para desejar felicidades à Madame Luís Delfino.

geral da produção.

Ademar Gonzaga, o veterano cineasta brasileiro, cuja atividade em prol da sétima arte procurou-lhe êxitos invulgares e cujo exemplo de amor ao cinema levou dezenas de jovens a segui-lo nesta atividade será, com o inglês Harry Hand, um dos produtores executivos da Multifilmes. Com efeito, Mário Civelli, no intuito de dar à Multifilmes realizações cada vez mais variadas e numerosas, decidiu valer-se da grande experiência de Harry Hand e de Ademar Gonzaga, dando-lhes função de produtores executivos, com ampla autonomia na escolha dos argumentos entre aquêles que já foram aprovados pelo departamento de argumento e pela direção

Waldemar Seyssel, que na tela já foi um simpático vagabundo com coração de ouro no filme "Modêlo 19", oficial da polícia em "O Destino em Apuros", mordomo em "O Homem dos Papagaios" e padre em "A Sogra", espera seu próximo papel com uma certa ansiedade. "É curioso que tendo nascido com o nome de Arrelia, pois me achavam um pouco temperamental ("arreliento"), no cinema nunca fui aproveitado num papel dêsses, sendo, ao contrário, um símbolo de ordem e de maneiras educadas" — comenta irônicamente o popular ator.

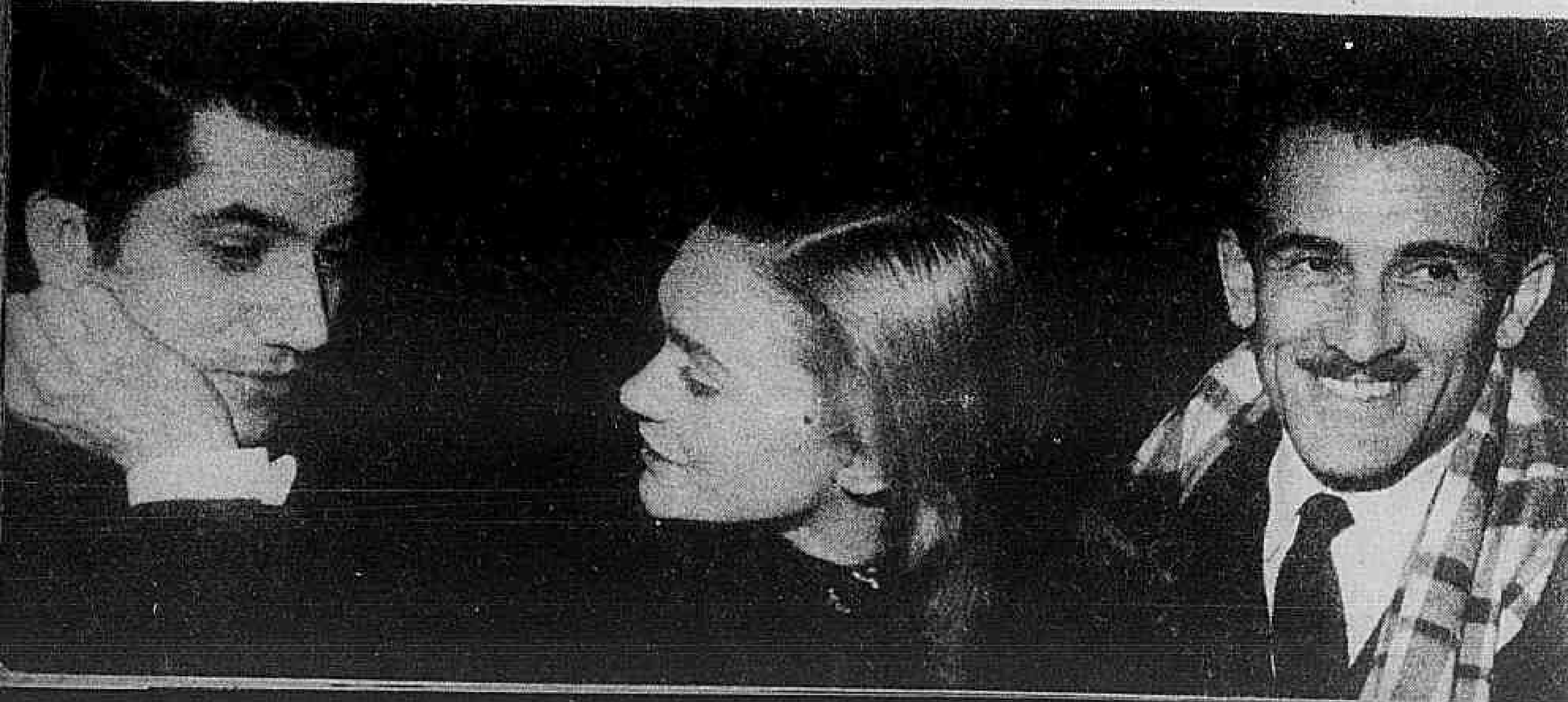
Em plena selva amazônica, a loura e linda paulista Andrea Byard descansa entre cenas do semi-documentário colorido de longa metragem, produzido por Zygmunt Sulistrowsky, ainda sem título definitivo.





DANIÈLE ROY, em seu sensacional número de «far-west».

DANIÈLE DELORME e DANIEL GELIN são fotografados durante o intervalo. «Mademoiselle» Delorme acaba de se afastar de tôda e qualquer atividade artística, por motivo de enfermidade.





ANNIE CORDY, em seu número de dança espe-



cial, onde chega a pular corda com um enorme cão



MICHELE MORGAN foi um dos pontos altos da festa, exibindo-se num bailado africano.

E O CIRCO CHEGOU!...

... Mas não é um circo dêsses que nós costumamos ver por aí, não. E' coisa fina com espectadores vestidos a rigor e números de picadeiro executados por Michele Morgan, Annie Cordy e outras beldades do cinema francês. Desnecessário será dizer que se trata de um festival de caridade, a que elementos representativos da arte francesa deram integral apoio.

(Fotos AGIP)



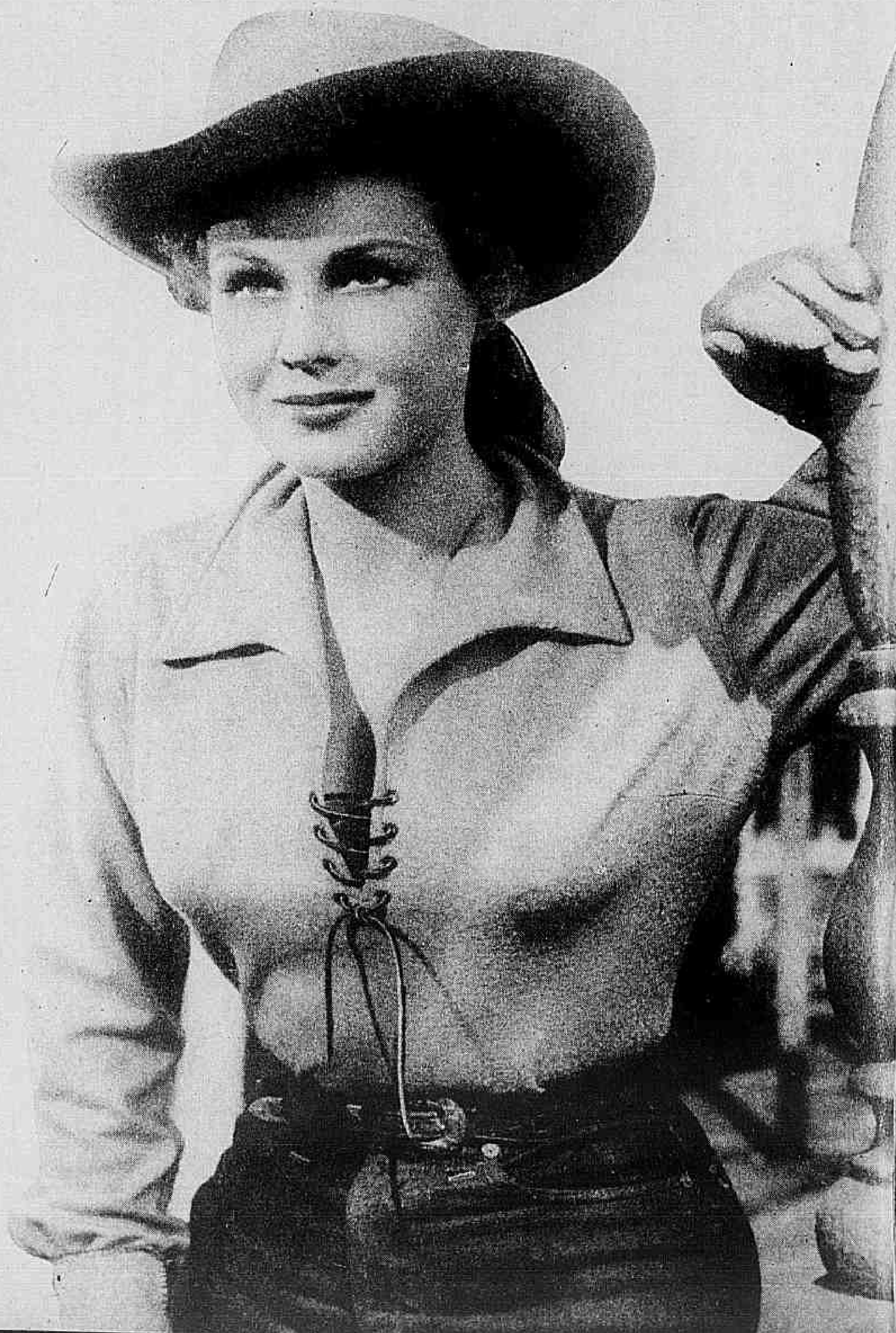
De simples corista a «estrêla» principal de Samuel Goldwyn, Virginia progrediu muito!

"O FATO MAIS IMPORTANTE DA MINHA VIDA!"

por

VIRGINIA MAYO

No papel de bandoleira em «Mais forte que a lei»



Virginia Mayo aguarda a visita da cegonha a qualquer momento e confessa que tudo o mais que lhe aconteceu até hoje parece insignificante perto disso.

SIM, não resta a menor dúvida de que êste é o fato mais importante de tôda minha vida, e tudo o mais parece tão insignificante quando, sem querer, faço comparações. Aliás, creio que é assim com tôda mulher. Eu costumava pensar que conseguir o estrelato seria o mais alto ponto emocional que eu poderia atingir, mas como me enganava! Pelo menos, é o que eu sinto neste momento, se bem que nós, artistas, tenhamos fama de exagerar em tudo o que fazemos ou dizemos. As futuras mamães do mundo inteiro, porém, sabem perfeitamente como estou-me sentindo e elas poderão afirmar se estou sendo sincera ou não.

Não, não rescindi o contrato que firmei com a Warner Brothers. Depois da «festa», tenciono continuar com minha carreira, pois, afinal de contas, quase tôdas as «estrêlas» que tiveram filhos não abandonaram o seu trabalho no cinema, e eu não me considero diferente de nenhuma delas. E muito tive de lutar e esperar para chegar onde cheguei. Não fui dessas «descobertas acidentais» nem atingi o estrelato da noite para o dia, como é tão comum afirmar-se em Hollywood, para fins de publicidade.»

No seu rancho em San Fernando Valley, onde se encontrava em repouso, Mrs. Michael O'Shea teceu considerações não só sôbre o mais importante acontecimento de sua vida, como comparou o início de sua carreira com o ponto que a mesma atingiu, principalmente nos últimos tempos.

«Creio que foi aos seis anos que comecei a sentir uma certa queda pela representação, e desde então muito tive de trabalhar para conseguir ser um sucesso. Não nego que minha aparência tenha contribuído para minha entrada para o cinema, mas isso não basta. Procurei obter alguma experiência dramática, estudando com minha tia que dirigia a «Weintge School of Dramatic Expressions», em S. Louis. Aprendi a dançar, cantar e desenhar modas. Aos dezesseis anos, solei num teatro ao ar livre, com a Municipal Opera Company, passando a dançar no Clube Continental de S. Louis. Depois disso, passei a fazer parte de um ato de variedades durante quatro anos, até que fomos parar num filme de Eddie Cantor, «Banjo Eyes». É lógico que passei despercebida, ainda mais no meio de muita gente, mas logo depois, tive minha primeira grande chance: o famoso Billy Rose convidou-me para trabalhar no seu não menos famoso «night-club» Diamond Horseshow. Foi lá que uma noite Samuel Goldwyn me viu pela primeira vez e pediu uma entrevista, que foi seguida de uma audição. O resultado foi que, já por sua conta, abandonei New York e fui para Hollywood.

Apareci em diversas películas, mas sempre em comédias e musicais. Mais uma vez eu digo que não sou diferente das outras «estrêlas» e a verdade é que tôdas ambicionamos um papel sério, dramático, em que possamos demonstrar que possuímos ou não algum talento. Sempre pensamos que possuímos, é lógico! . . . Assim, fiquei satisfeitíssima com o papel que me foi entregue em «Os melhores anos de nossa vida», onde contracenei com nomes verdadeiramente grandes no firmamento de Hollywood. Não que eu queira desmerecer os comediantes, principalmente os com quem trabalhei, Danny Kaye, por exemplo. É tão difícil vencer naquele gênero como no drama, mas como já disse, é uma ambição secreta que tôdas temos, interpretar um papel forte.

Terminei há pouco «Mais forte que a lei», para a R.K.O., onde tenho um papel de grandes possibilidades. Se fracassar, será mesmo por falta de talento de minha parte, pois não me faltou oportunidade de empregar capacidade interpretativa. Nesse caso, devo desistir do gênero e voltar aos musicais, ou, então, arranjar outra profissão. Interpreto uma bandoleira que vive entre 500 malfeitores. Trata-se de um fato verídico, e consta que essa pequena foi uma das mais cruéis mulheres do seu tempo, muito mais temida que a maioria dos homens maus. A versão filmada foi um tanto alterada, mesmo porque, dificilmente se acreditaria que tal mulher houvesse existido, tal a sua fúria sanguinária. Assim mesmo, senti-me imensamente feliz com a parte, onde apareço completamente diferente da Virginia que os fãs conhecem, só usando vestidos simples e roupas de montaria. Até que enfim, posso dar um descanso às peles e jóias que me fazem usar em todos os meus filmes! . . .

Sem peles e jóias, ela prova agora que também sabe representar.





Com o marido, Michael O'Shea, aguardando a chegada do «baby».



Silvia Fernanda e Jardel Jercolis numa cena da super-produção da Vera Cruz.

"FLORADAS NA SERRA" E SUA FILMAGEM

Reportagem de S. A.

Durante cêrca de três meses — agôsto, setembro e outubro — a Vera Cruz estêve filmando, intensamente, em Campos de Jordão, em cujo cenário se desenrola o bonito romance de Dinah Silveira de Queiroz. O interêsse da produtora pelo conhecido romance justificou todo o carinho na feitura da película. A começar pelo elenco que reúne uma das nossas melhores atrizes de teatro, Cacilda Becker (entusiasmada com a sua primeira grande experiência cinematográfica) ao lado de Jardel Filho, outro ator teatral de renome. Assim, a Vera Cruz levou uma equipe de artistas e técnicos, equipe numerosa diga-se de passagem, a Campos de Jordão, para a filmagem de tôdas as cenas exteriores, num dos mais belos cenários do mundo em que a natureza da estância de repouso é pródiga. «Floradas na Serra» foi rotulada «super-produção» com uma despesa diária de cêrca de oitenta mil cruzeiros. O trabalho foi duro: o diretor Luciano Salce fazia o pessoal acordar quase de madrugada — 5,30 horas — para os primeiros preparativos, inclusive a maquilagem dos atores. A convite de Dinah Silveira de Queiroz passamos um fim de semana em Campos de Jordão e assistimos grande número de tomadas de cena. Do elenco fazem parte Cacilda Becker, no papel de (Lucília), Jardel Filho (Bruno) e ainda Sílvia Fernanda, Gilda Nery e Ilka Soares. Anselmo Duarte também chegou a participar das filmagens e estêve em Campos de Jordão com a espôsa, a atriz Ilka Soares. Desligou-se, porém, do elenco de «Floradas na Serra» (por achar pequeno seu papel, comentou-se) e para substituí-lo foi convidado — caprichos do destino! — o ator Miro Cerni, ex-noivo de Ilka. . .



No·apartamento de Beatrice, Harry procura convencer Stanley de que sua peça ganharia muito em vigor se a personagem que interpreta a filha tivesse vinte e nove anos.

No entardecer da vida

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Beatrice Page, famosa "estrêla" da Broadway, acaba de estrear uma peça nova e aguarda num restaurante a saída dos matutinos para ler as primeiras críticas, em companhia de seu produtor e ex-marido, Harry. Travam conhecimento com um autor desconhecido, Stanley Krown, que lá se encontra com um agente, amigo de ambos. Stanley escreveu uma peça intitulada "The unhappy Holiday", que versa sôbre um conflito entre mãe e filha, esta de dezenove anos. Ao se despedir, Stanley esquece a peça sôbre a mesa e Harry a leva para o apartamento de Bea e passa parte da noite lendo-a, até que adormece na biblioteca. Na manhã seguinte, Stanley vai reclamar a peça e a "estrêla" e o produtor, que necessitam de um argumento interessante, pois o atual não estava sendo muito bem recebido pela crítica, procuram convencê-lo de que deve alterar a idade da filha para 29 anos e, assim, Bea poderá interpretá-la.

«Bem, bem,» disse eu, pondo um braço sôbre o ombro de Stanley. «Compreendo sua atitude, Stanley, mas examine sua peça e me diga se não ficará muito mais dramático uma mulher feita agarrada à saia da mãe, que uma garotinha sendo dominada.»

Notei uma ligeira hesitação e alguma dúvida na expressão de Stanley, e compreendi que a batalha estava ganha. Bea e eu passamos a fazer considerações em tôrno da atriz que poderia interpretar a mãe, um papel também importante, e ao olharmos novamente para Stanley, êle dormia no sofá!...

A peça «No laughing Matter», apesar do fracasso, continuaria até o fim do mês em cartaz. Enquanto isso, procedíamos tôdas as tardes a leitura para a parte da mãe em «The unhappy Holiday», sabendo eu que não seria tarefa fácil encontrar uma artista à altura do papel.

Uma tarde, Stanley e eu preparava-nos para deixar o teatro, quando uma garôta surgiu porta a dentro, perguntando se poderia ler a parte. Prestei atenção nela: morena, excessivamente vivaz e bastante atraente. Devia ter uns 19 anos. — «Não acha que é um pouco jovem demais para passar por mãe de uma moça de 29 anos?», perguntei-lhe.

«Vinte e nove? Ela tinha só dezenove outro dia.» Então, a pequena explicou que trabalhava de manhã na agência onde a peça havia sido dactilografada. Dêsse modo, lera e gostara do papel. «Eu quero interpretar a parte da filha. E digo mais: «eu vou» interpretá-la!»

Stanley vestiu o sobretudo. «Desculpe, mas o papel está tomado. Miss Beatrice Page interpretará a filha.»

«Oh, não!» A moça mostrou-se vivamente chocada. «E' o fim! Beatrice Page interpretando **filha!»** Agarra a lapela do casaco de Stanley e diz: «Não deixe que façam isso com sua bela peça! A parte não precisa do charme de Beatrice Page — aquêle charme cansado e abatido.»

Stanley tira-lhe as mãos da lapela e ela continua gesticulando muito: «A parte exige é mocidade, vitalidade e magnetismo! Tudo isso vocês encontrarão em mim!»

«Ah, é?» perguntei. «E quem é você? O que é você?»

«Sou Saly Carver — e sou uma atriz.» Agora era minha lapela que ela agarrava, enquanto eu a olhava sem poder disfarçar minha irritação. Eu conhecia muito bem aquêle tipo, o tipo jovem e cheio de esperanças. «Miss Carver, nós tivemos um dia muito trabalhoso hoje, e se nos permitir, iremos a um lugar onde possamos tomar um drinque e descansar.» A garôta se afasta e começa a ler uma cena da peça, enquanto eu pego Stanley pelo braço e o puxo para a rua.

★

Duas semanas mais tarde, jantava êle com Bea no Sardi's. Observava-os do bar, onde me encontrava, e reparei que ela se sentia muito satisfeita na companhia de Stanley, e vice-versa. Aproximei-me de Bea e fiz-lhe ver que já era hora de se dirigir ao teatro para se preparar para a sessão noturna. Bea insistiu com Stanley para que continuasse com o jantar. Assim que saímos, Sally Carver sentou-se à mesa de Stanley. Seu nome agora já era outro: Peggy Pruitt. Explicou: «Não se pode procurar empregos sempre com o mesmo nome, pois adquire-se fama de desempregada. Assim, o melhor é ir variando.» Sally trouxera consigo uma revista de teatro, contendo uma fotografia de uma peça antiga, «The Forgotten Light». Descobrira numa das personagens, Beatrice Page, e assim ficava provado que ela era velha demais para fazer o papel da filha em sua peça.

«Você está maluca!» disse êle, «essa nunca foi Beatrice, e a prova está no elenco.» Procurou com o dedo o nome da atriz que interpretava a criada que estava na foto. «Olhe aqui! Criada: Eileen Prentiss. Está convencida?»

A garôta já estava entretida com o imenso jantar que o garçon lhe trouxera, e dava sinais de grande apetite. Stanley observava-a divertido e daí a instante perguntou-lhe o que pretendia fazer depois do jantar.

«Bem», responde ela, «costumo andar uma meia hora. Depois disso? Hoje, como geralmente, vou para casa. A não ser que você esteja pensando em me vonvidar para o «ballet».

«Detesto «ballet». Que tal darmos um pulo até meu apartamento?»

«A minha impressão sôbre apartamentos de homens é a mesma que você tem sôbre «ballet»...»

«Bem, mas leva-se meia-hora mesmo até meu apartamento. Que tal?»

Peggy pensou por um instante assentiu. «O.K.»

Independentemente do que êle pretendia, ela tomara uma resolução: leria a peça para Stanley ouvir, custasse o que custasse. Êle, certamente, possuía uma cópia em casa.

Stanley possuía, realmente, uma cópia em casa. Além disso, tinha um maço de fôlhas com alterações que deviam ser novamente dactilografadas. Fêz Sally — agora Peggy — sentar-se à frente da máquina de escrever.

«Por acaso sabe quanto eu cobro por cópias a máquina? Um dólar por hora. E isto aqui me tomará no mínimo cinco horas!»

Stanley sorri e diz: «Ótimo! Cinco dólares, exatamente quanto me custou o seu jantar. Sim, eu a convidara para tomar um café e não uma refeição completa.»

Peggy começa a trabalhar, resmungando. Depois de escrever muitas páginas, Stanley oferece-lhe uma xícara de café. «E' de graça, ou terei de lavar sua roupa em pagamento?» pergunta a garôta.

Êle sorri e lhe estende a xícara.

(Continua no próximo número)



Sally (ou Peggy) era uma garôta vivaz e espontânea.



Entre a simplicidade de Peggy e o «charme» de Bea.



Bea e Stanley estavam sempre juntos, até no camarim.

"Querida Marlene..."

Azize Brithar — Rua Padre Luís, 264, Sorocaba, Estado de São Paulo.

... «é possível você vir se apresentar num «show» promovido pela quarta série noturna do Ginásio Municipal desta cidade?»

«Teria imenso prazer em poder aceitar o seu convite, mas em virtude da minha temporada no Teatro Rival, que se estenderá até fevereiro, não poderei atendê-la. De qualquer maneira, agradeço a preferência.»

★

João Batista — Praça Homem de Melo, 123, Jaboticabal, E. S. Paulo.

... «quando começarão a sair as músicas carnavalescas?»

«Deverão sair em fins de novembro ou princípio de dezembro.»

★

Jessenir S. da Costa — Av. Isabel, 166, Santa Cruz, Rio.

... «gostou da faixa que os fãs de Sta. Cruz lhe enviaram com os dizeres «Rainha de Santa Cruz»?

«Sempre recebo com carinho tôdas as manifestações que vocês, minhas fãs, me prestam. Adorei a faixa!»

... «é verdade que você tem uma casa em Santa Cruz?»

«Eu seria felicíssima se tivesse. O que tenho são uns amigos em Santa Cruz, que possuem um sítio onde passo quase todos os carnavais.»

★

Lígia da S. Garcia Rosa — Rua Joaquim Maurício, 6, Salvador, Bahia.

... «seus pais ainda são vivos?»

«Infelizmente não tenho pai; sòmente mamãe é viva.»

... «você tem irmãs?»

«Tenho duas casadas e sete sobrinhos.»

... «Delfino envia fotografias?»

«Envia sim, meu bem. Enderece o seu pedido para a «Flama», rua das Laranjeiras, 291.»

... «êle é parente de uma menina chamada Sônia Delfino, que canta no Clube dos Guris?»

«Não.»

... «você já visitou todos os Estados do Brasil?»

«Com exceção de Sergipe, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e Acre, conheço todos.»

... «você ainda pretende concorrer ao título de «Rainha do Rádio»?

«Por minha vontade não, porque não só de títulos vivemos nós, artistas, mas sim do apoio dos fãs, e êsse apoio já tenho.»

... «quantas faixas você já recebeu?»

«Até agora, umas 800 ou pouco mais. Emendadas, chegariam até a lua!»

★

Terezinha — Trav. João Afonso, 77, c/1, Rio.

... «você poderia arranjar-me uma vaga na P.R.E. Neno ou em outro programa?»

«Darei uma lista de programas especializados: «P.R.E. Nero», sr. Cláudio; «Tribunal de Calouros», Paulo Gracindo; «Calouradas», Iara Sales; «Aí vem o Pato», Jorge Curi; «Calouros em Desfile», Ari Barroso. Em qualquer dêsses programas, você será bem atendida. Felicidades!»

★

Judith Silva — Rua José Domingues, 495, fundos.

... «poderia enviar-me os endereços dos Fãs-Clubes?»

«Escreva para a sede do «Fã Clube Marlene», rua do Riachuelo, 91, 1º andar, que darão todos os endereços dos fãs-clubes.»

★

Roberto Hene Nogueira — Rua Dr. Bulhões, 419, c/5, Engenho de Dentro, Rio.

... «quais das músicas abaixo foram gravadas, qual a outra face e em que ano?»

«Não foram gravadas: Lenço do Chinho, Samba Quente, Lamento Negro, Serenata Suburbana e Lá vai o baião. As outras faces: Só se fala na baiana (53) Foi Despacho; Cambrinda briante (51) Casamento de Rosa; Tome Polka (51) Espôsa Modêlo; Dona Vera (50) Nego meu amor.»

★

Aida R. de Carvalho — Rua Mariano Procópio, 55 — Rio.

... «eu e mais duas fãs lhe oferecemos uma faixa, «Estrêla Máxima do Rádio Brasileiro». «Desejamos saber se você gostou...»

«Minha fã querida, você acha que eu não haveria de gostar? Esteja certa disto: qualquer coisa que me oferecem me sensibiliza muito, pois sinto-me lembrada por vocês.»

★

Maria Helena Maturano — Rua Garcia Duarte, 157, São Simão, S. Paulo.

... «porque você não tem cantado nos programas «Noite de Estrêlas» e «Horário dos Cartazes»?

«Eu canto no «Horário dos Cartazes» às quartas, 11,15. Em «Noite de Estrêlas» não poderei, até terminar minha temporada teatral.»

★

Elvira da Silva — Rua Monteiro da Luz, 247, Encantado, Rio.

... «Delfino envia fotografias?»

«Leia a resposta que dei a Lígia Garcia Rosa.»

★

Alice de Oliveira — Av. Morro do Ar, Sta. Cruz, Rio.

... «Quantas faixas você possui?»

«Leia a resposta que dei a Lígia Garcia Rosa.»

★

Mafalda Beraldi — Rua Miguel de Campos, 151, Jaboticabal, S. Paulo.

... «enviei-lhe, há muito tempo, uma lembrança que foi deixada na secção de correspondência por um conhecido. Gastaria de saber se você recebeu.»

«Sim, meu amor, adorei o seu presente.»

★

Maria Rita P. Ribeiro — Caixa Postal 6, Mirandópolis, São Paulo.

... «gostaria de saber porque você e Delfino não vêm a Mirandópolis.»

«Nunca me recusei a visitar o interior do Brasil. Irei com todo o prazer... se fôr convidada.»

★

Luís Edmundo Reis — Hua Hipólito da Costa, 67, apt. 101, Vila Isabel, Rio.

... «se seria possível você enviar uma foto sua com o Don-don.»

«Estou providenciando fotografias com o Don-don. Pode esperar que mandarei.»

ATENÇÃO, FÃS DE MARLENE! Sua favorita responderá, semanalmente, pelas páginas da CENA, às cartas que FOREM ENDEREÇADAS À RÁDIO NACIONAL. Portanto NÃO lhe escrevam para esta revista, mas podem procurar aqui as respostas, que as encontrarão.

TEATRO

J. FOMM

O. K. BABY

O empresário Zilco Ribeiro sempre demonstrou a vontade de acertar no Teatro Follies; lançou novos atores, apresentou Villaret, Colé e finalizou por conseguir Virgínia Lane. De revista em revista notava-se uma sensível melhora e com «O. K. Baby» cremos ter alcançado o seu objetivo, apresentando umá revista com um bom «script» e bom material humano. O texto não tem pornografia e é engraçadíssimo. Virgínia Lane andava meio cansada dos quadros que tinha, pois não havia originalidade e se conseguia risos na platéia era exclusivamente em virtude da sua incontestável malícia. Em «O K. Baby», os quadros da «vedette» são bons, fugindo ao banal.

Consuelo Leandro é outro valoroso elemento que integra o elenco de Zilco. Revelou-se na primeira revista que fêz e seus papéis ainda não estavam a altura do seu talento. Desta vez seus quadros são engraçadíssimos, arrancando gargalhadas em «O Anjo». Pituca melhora de dia para dia e com um pouco mais de «tarimba» conseguirá um bom destaque. Mereceu uma salva de palmas durante o quadro «O Imperador Galante» tal a perfeição com que imita os grunhidos de Odilon.

Ruy Cavalcânti volta ao elenco em plena forma. Depois de uma peregrinação infrutífera (no ponto de vista artístico) tem «chance» para provar o seu talento, principalmente em «Narizes» e o «Fado Falado».

Em números de «ballet» aparece Sandra Dieken, do Municipal, uma figurinha interessantíssima, que dança com muita graça. Louva-se, também, a atuação das «girls», que agora não se limitam a exibir os bonitos corpos: fazem números de dança bem ensaiados e harmoniosos com a coreografia de Norbert. Bonito o número de Gene de Marco, «África».

A restrição que fazemos a «O. K. Baby» é ao cantor Paulo Geraldo, que não tem voz nenhuma em «On a slow boat to China». É um número que poderia ser cortado.

As roupas de Virgínia Lane são lindas e, de um modo geral, os figurinos são bonitos.

Dé parabéns Zilco Ribeiro, Mário Meira Guimarães e todo o elenco do Follies, por essa ótima revista de bôlso.

COMENTANDO

★ Estreou o «Festival do Rio de Janeiro» com o monólogo de O'Neill, «Antes do Café» e o drama de César Borba, «As Bruxas já foram meninas». Madalena Nicol agradou bastante no monograma, embora exagerasse certas marcações. Quanto às «Bruxas» desiludiu a todo mundo. Com um primeiro ato hàbilmente escrito, com diálogos esplêndidos e preparando um ambiente para um acontecimento verdadeiramente bombástico aguarda-se ansiosamente o segundo e último ato para ver o que sucederá. Mas o que sucede é um ato longuíssimo, caracterizando a dispersão e a falta de linha teatral. Com um ótimo elenco (principalmente Sara Nobre que está maravilhosa no seu papel), um cenário bonito e os recursos do Municipal, se o texto fôsse bom resultaria num maravilhoso espetáculo.

★ Houve também um recital de João Villaret, no qual interpretou pela primeira vez a «Llanto por Ignacio Sanchez Mejia», de Federico Garcia Lorca, de extraordinária beleza. O Municipal ectava lotado e os aplausos intensos.

★ Uma coisa que irrita é o fato de Barreto Pinto preceder a tôdas as representações do «Festival».

★ No «cocktail» que a Multifilmes promoveu comemorando o lançamento do «Destino em Apuros» encontramos Armando Couto que contou-nos que brevemente inaugurará um teatro na rua Santo Amaro, em São Paulo. «A casa está sendo construída especialmente para teatro. Nada de adaptações.» — explicou-nos.

★ Brevemente Silveira Sampaio também irá a São Paulo inaugurar o Teatro Natal, com «Deu Freud Contra».

★ Fala-se na renovação do elenco da Companhia Dramática Nacional. E segundo rumores, Maria Fernanda será a «estrêla».

★ Estreou no Teatro República «Jezabel», a peça que teve vitoriosa carreira no Copacabana. A revelação do espetáculo foi Cilo Costa que viveu o papel que Jardel Filho interpretou, merecendo a «medalha de ouro» da A.B.C.T.

GRAU DEZ

Ao empresário Zilco Ribeiro, que, sem favor, tem em «O. K. Baby» a melhor revista até hoje apresentada em Copacabana.

GRAU ZERO

A «girl» Gene de Marco que, pelo fato de dançar um número do Follies com sucesso, recusou-se a figurar com suas colegas na qualidade de «girl».



ROTEIRO DA NOITE

RONDANDO NAS "BOITES"

COMEÇAREMOS hoje a nossa ronda na Cinelândia, no «Night and Day». Mauricio Lanthos, o seu diretor artistico, acabou de apresentar um «show» interessante, o «Alvorada», com Virginia Lane. Está, atualmente, a cantora Hélia Casanova e Amparito Reyes com seu corpo de baile. Dia 13 Carlos Ramirez fará sua estréia na «boite dos astros».

Na «Boite Béguin» vamos encontrar «L'oiseau de Paris», Paulette Rollin e Georges Lavelatti, cantor e acordeonista francês, que permanecerão durante o mês de novembro.

Vamos agora ao Casablanca; encontramos o querido Dorival Caymi meio triste. «Acontece que eu sou baiano» não agrada a gregos e troianos nesse final de temporada a coisa está meio ruinzinha, apesar de Thereza Austregésilo. Aguardamos com ansiedade o «show» de carnaval que segundo parece, será um grandioso espetáculo «á la Machado».

O Vogue já foi «boite»; hoje restam apenas Sacha, a boa cozinha e o Barão Stuckar. Volta e meia anunciam um cartaz francês desconhecido que não chega a cumprir o contrato.

O «Meia-Noite» do Copacabana permanece com sua classe imperturbável. Tem Dick Farney tocando e cantando para danças e como atração especial a notável Vanja Orico, que agrada em cheio.

No «Stud do Téo» vamos encontrar o dinâmico Téo, animando e brincando com seus amigos-fregueses. Tem também Consuelo Leandro e o gostoso conjunto de Ribamar. Téo já apresentou «shows» em sua «boite» e atualmente conta com a talentosa Consuelo e com o seu espírito sempre lúcido e brilhante para animar a noite. Sua freqüência é quase certa e forma um ambiente de amigos.

A última «boite» é o Monte Carlo, que apresenta o «show» «Cherchez la Femme», sem Ivana que está em São Paulo atuando na revista «É fogo na jaca», no Odeon. A substituição é feita por Bruno que trabalhou no Teatro Carlos Gomes. Não tem a classe de Ivana, mas serve para manter o «show» até a nova apresentação.



Carlos Ramirez cantará dia 13 no «Night and Day»



Paulette Rollin, que canta no «Beguin»

UM CASO NA VIDA NOTURNA

É notória e sabida a briga de Carlos Machado e Fernando Lôbo, um dos mais credenciados cronistas da vida noturna carioca. A revista Manchete publicou uma nota afirmando ter Carlos Machado dado ordens para não servirem ao crítico Lôbo na «boite» Casablanca. Não pretendemos aqui discutir a razão da briga, pois somos amigos de ambos. Mas o fato não pode passar despercebido, de vez que ofende não só ao cronista de Manchete, mas a imprensa especializada em geral. Lavramos também o nosso protesto ao Machado, lembrando-o da obrigação de respeitar ao jornalista que vai a «boites» em cumprimento de seu dever profissional.

Cena Radiofônica

EDEL NEY

O BRASIL PRENDEU LUÍS ESCOBAR

Durante sete anos, o grande cantor Luís Escobar foi «astro» esclusivo da Rádio Nacional, de Lisboa.

Artista dos mais queridos em sua terra, desfruta de um grande prestígio em Portugal e quiçá em quase tôda a Europa, onde, aliás, já se exibiu com êxito, nas maiores capitais do Velho Mundo.

Paris e Madrid aplaudiram-no com entusiasmo, duas vêzes.

Mas, o grande sonho de Escobar era cantar no Brasil a música que êle interpretava com alma: o samba. Luís é um ardente apaixonado de nossos ritmos, principalmente do samba-exaltação, que êle sempre cantava em sua Pátria, e por onde excursionou.

Finalmente, em 1952, Escobar conseguiu realizar seu grande sonho!

Recebeu convite do Brasil e veio para cá, atuando com enorme êxito nas rádios, «boites», televisão e teatros musicados de S. Paulo, onde a renovação constante de seus contratos prenderam-no por muito tempo.

Agora, há mais de um ano que Luís Escobar se encontra no Rio, que adora, e onde fixou residência definitiva.



LUÍS ESCOBAR, o grande cantor de Portugal, numa pose especial para as suas fãs brasileiras.

Aqui, tem participado de diversos programas, dentre os quais o de César de Alencar, na Nacional; «Vesperal das Moças» do Chacrinha, na Tamoio; e Jonas Garret, na ex-Rádio Clube.



Orgulhoso, LUÍS ESCOBAR mostra às suas companheiras, as lindas «girls» do Recreio, o seu primeiro disco para a Odeon.



No apartamento de ESCOBAR o repórter ouve os seus discos, acompanhado do compositor-cantor Wilson Silva, primeiro autor brasileiro a gravar com o «astro» português.

Pertence ao grandioso elenco de «É fogo na jaca», monumental revista do Recreio, que deverá ser levada em cena, agora, em S. Paulo.

Em virtude de sua bela voz, foi contratado pela Odeon, gravando os seus primeiros discos para a etiquêta Elite Special. Atualmente, foi incorporado ao «cast» da Odeon e o seu disco de estréia no novo sêlo está a venda.

(Cont. na pág. 34)

A foto abaixo ilustra um flagrante sensacional, no qual vemos a linda «estrelínha» do Rádio e Televisão, TEREZINHA MAGALHÃES, quando, em esplêndido dueto com o «astro» IVON CURY, da Rádio Nacional, cantava o conhecidíssimo número «Pigalle».

O flagrante foi tomado quando da realização, no Teatro João Caetano, do Festival de Dante Santoro.

Brevemente publicaremos ampla reportagem com Terezinha Magalhães e Alcides Gerardi, o famoso cantor louro, atualmente atuando com destaque na Nacional.

Aliás, dizem as más línguas, que os dois andam de namôro. Será?...



DISCO-NOVIDADES

Angela Maria vem fazendo bonita carreira na Copacabana. Os seus dois primeiros discos nessa fábrica renderam-lhe cêrca de ..... 45.000,00. O que não é de admirar, pois todos os dois estão nas Paradas de Sucessos. Agora, Angela vai gravar os bonitos sambas "Rua sem sol" e "Vida de balarina" que ela interpreta, admiràvelmente, no filme mais recente de Alex Viany.



Ângela Maria

★

Jaime Negreiros está à frente do Departamento de Divulgação da Continental, o que representa uma boa conquista para essa gravadora.

★

"Noite Santa" é o título do expressivo e primoroso Album de Natal, que a etiquêta Carroussel, especializada em discos infantis de sete polegadas, lançará, por êsses dias, presenteando, dessa forma, a infância brasileira, com um presente de Reis.

★

Por outro lado, a sua associada, os "long-play" Regente estará no mercado em novembro próximo, com o seu primeiro Suplemento, ao qual comparecerão, entre outros: Amyrton Vallin e seu solovox; Osmar Ribeiro, novo cantor das Associadas cariocas; Jean Romani, intérprete de canções francesas; George Keny, organista famoso da Argentina; Celso Garcia, jovem cantor da Inconfidência, de Minas, etc.

★



Cláudia Morena

No seu primeiro disco post-carnavalesco na Columbia, Kleber Figueiredo, êsse já consagrado valor novo, que pertence, atualmente, ao "cast" da G-3, gravará o bonito samba "Lágrimas de Boêmio".



GRACINHA é um dos valores aplaudidos da Mayrink Veiga. Ótima intérprete dos sambas bem ritmados, dos sambas-canções, dos chorinhos e dos baiões, nunca está satisfeita com as suas grandes habilidades. Vive a procura de novas coisas, aprendendo, enfim, tudo que se faz dentro do rádio. Leva um tempo doida por sonoplastia; depois, envereda pelas novelas e, assim por diante.

Agora, a sua grande mania é a bateria. Uma bateria executada num ritmo louco, contagiante, e durante a sua exibição faz tôdas as sortes de diabruras.

Na foto, vemos a irrequieta «estrelinha», quando fazia uma de suas exibições. Gracinha tem grandes planos para êsse ano, ainda, conforme nos assegurou em palestra que mantivemos com ela, há poucos dias, nos estúdios da Mayrink. Tem em preparativos uma excursão pelo interior do Rio, e pretende gravar os seus primeiros discos, os quais deverão sair logo após o carnaval.

PÁGINA DO Leitor

NOMES E PSEUDÔNIMOS

Do leitor **JOSÉ RIBEIRO**
Assis — São Paulo

Pseudônimos são das coisas mais comuns entre artistas; êstes tomaram-no para abreviar um longo nome, aquêles para sonorizar um nome de difícil pronunciação.

Temos mesmo no cinema nacional vários exemplos, como:

FADA SANTORO — Mafalda Basílio Monteiro dos Santos Mandarim Santoro; TÔNIA CARRERO — Maria Antônia Pôrto Carrero; LIANA DUVAL — Maria de Lourdes Vasconcelos Antunes; MARLY SOREL — Marly Magalhães de Menezes; PATRÍCIA LACERDA — Ana Maria Brandão Correia Pagele Coelho Netto de Lacerda, talvez o mais longo nome do cinema nacional; OSCARITO — OSCAR BRENIER; FERNANDA MONTENEGRO — Arlete Pinheiro; o famoso GRANDE OTELO, em verdade chama-se Sebastião Bernardo de Souza Prata; Castellar Brizzola Barreto preferiu tomar o prenome por sobrenome e acrescentar um novo prenome, isto é, Emílio; Hélio da Silva Cottet Figueiredo de Almeida tomou o nome artístico de Hélio Souto; Hermes Bataglin perdeu o «g» do sobrenome e trocou o prenome por Roberto.

No cinema norte-americano temos mudanças as mais esquisitas e variadas; a maioria dos atores nunsa se apresentam sob o seu verdadeiro nome.

As variações de que falo consistem em como são tomados êstes nomes: assim, temos aquêles que tornaram apenas mais atrativos o seu nome mudando por completo. Dentre êles: Peggy Midleton, que se tornou Yvone de Carlo; Veronica Lake era Constance Keane; Mario Lanza chama-se em verdade Alfred Arnold Cocozza, êste tomou para si o nome da mãe no feminino; Even Lederer Mrs. Alan Ladd, tornou-se Sue Carol; Coleen Gray era antes Doris Jansen; Tulla Ellice Finklea tornou-se Cid Charisse; Marion Mitchell Morrison preferiu chamar-se John Wayne; Tony Curtiss chamava-se antes de entrar para o cinema, Bernard Schuartz, Marlene Dietrich era Maria Madalena Von Losch; Phillis Isley tomou o nome artístico de Jennifer Jonnes; Josephine Cotlle é no cinema Gale Storm; Archibald Alexander Leach é na tela Gary Grant; Robert Taylor chama-se Spangler Arlinghton Braugh; Reginald Truscot Jones tornou-se ao entrar para o cinema Ray Milland; Rosetta Jacobs tornou-se Piper Laurie, Henry Mc. Kinnies tornou-se Jeff Hunter, Jeff Chandler era antes Ira Grossel; Ruby Stevens, Zelma Hendryck, Edithe Marrener, Roy Fitzgerald, Howard Trevor, Helen Koford, Lucille Le Sueur, Virginia Mac Math, Lucille Langhanke, tornaram-se, respectivamente, Barbara Stanwyck, Katryn Grayson, Susan Hayward, Rock Hudson, Michael Wilding, Terry Moore, Joan Crawford, Ginger Rogers e Mary Astor. Temos também aquêles que tomaram um outro nome no cinema norte-americano por serem estrangeiros e para facilitar a pronunciação do seu verdadeiro nome; dentre êstes citam-se: Lily Chauchoin que tomou o pseudônimo de Claudette Colbert, Hildegarde Kneff, atriz alemã, que ao passar para os EE.UU. perdeu o «K» do sobrenome.

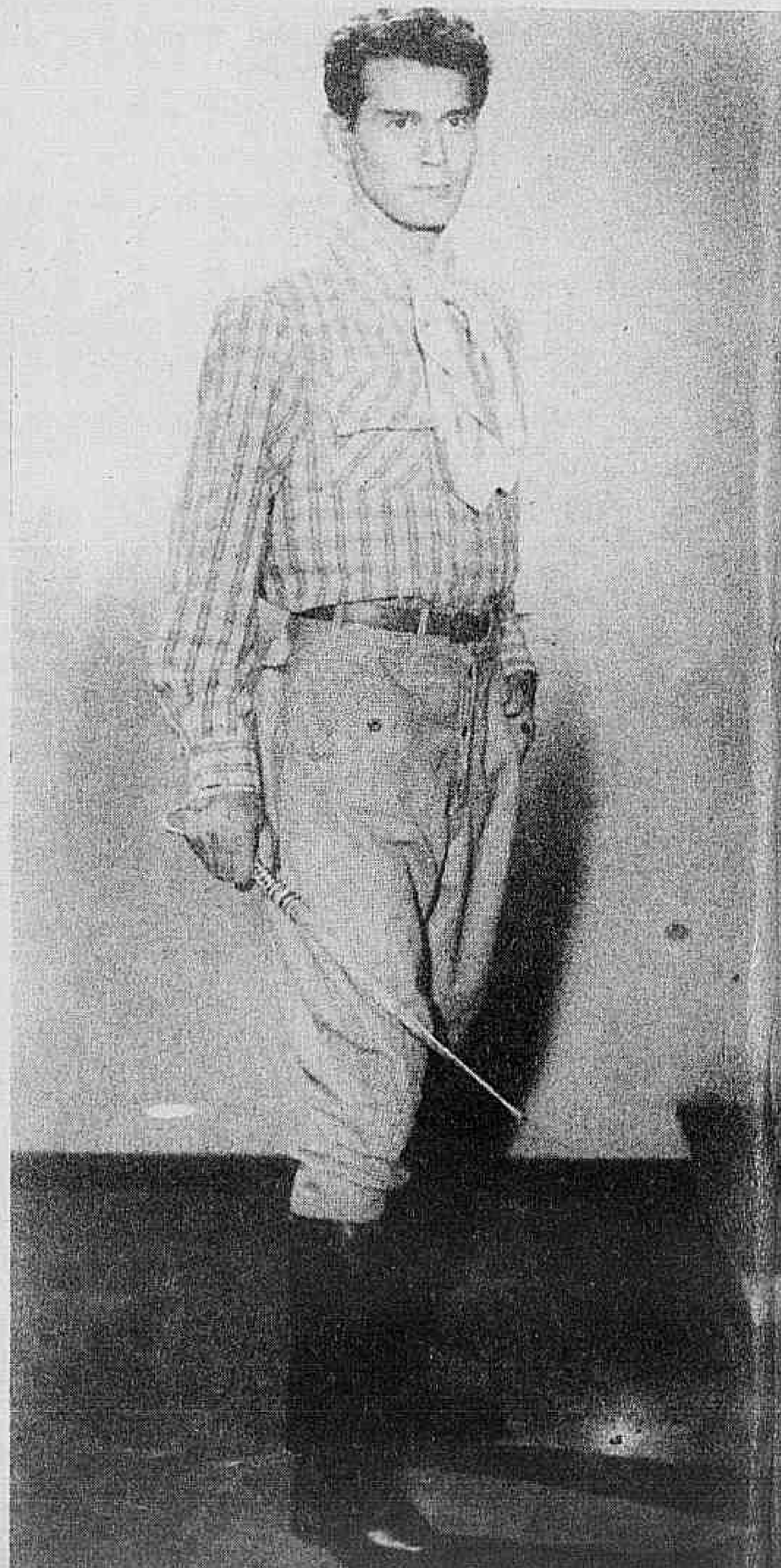
Aparecem pseudônimos que são os nomes verdadeiros com pequenas mudanças, por exemplo a perda ou o acréscimo de algumas letras: como exemplo, temos a supracitada Hildegarde Neff, cujo sobrenome era Kneff; a êste grupo pertence Shelley Winters que antes chamava-se Shirley Schrift, Eddy Kiessler subtraiu um «d» do prenome, adicionou um «H» e mudou completamente o sobrenome, tornando-se Hedy Lamar; Debralee Griffin subtraiu o «lee» e trocou o sobrenome por Paget, Loraine Johnson mudou a pronúncia do seu nome tornando-se Laraine Day; há o grupo dos que conservaram o prenome e mudaram o sobrenome, e aqui estão alguns exemplos: Vir-

(Cont. na pág. 34)



Vocês conhecem Castellar Brizzola Barreto ?

. . . e Virginia Mac Math ?



Um galã de futuro: MÁRIO SÉRGIO

Do leitor ARAKEN JÚNIOR

Mário Sérgio veio de Santos, a boa terra paulista, que tantos e tão grandes artistas tem dado ao Brasil.

Descoberto por Mary Gonçalves, outra santista do cinema brasileiro, foi por ela apresentado a Alberto Cavalcânti, que o lançou em «Caiçara», ao lado de Eliane Lage, Abílio Pereira de Almeida e Carlos Vergueiro. Mário Sérgio foi, portanto, o primeiro galã da Vera Cruz.

Logo a seguir apareceu em «Terra é sempre terra», segunda película da Vera Cruz, com Abílio Pereira de Almeida, Marisa Prado, Ruth de Sousa e Eliane Lage numa ponta. Tornou a aparecer com Eliane em «Ângela» mais uma vez com Abílio Pereira de Almeida e ainda Alberto Ruschel, Inezita Barroso e Ruth de Sousa.

Fêz uma breve incursão no palco para experimentar um novo gênero. Foi assim que o vimos em «Harvey», comédia dramática, popularizada pelo cinema norte-americano, que o Teatro Brasileiro de Comédia apresentou com Ziembinski no papel feito no cinema por James Stewart e mais Marisa Prado que também fazia uma experiência teatral.

De volta ao cinema ei-lo em «Uma pulga na balança», com Waldemar Wey, Gilda Nery e Paulo Autran, e no faladíssimo filme incompleto de Carlos Thiré «Luz Apagada», ao lado de Fernando Pereira e Maria Fernanda.

Mário Sérgio vem de estrelar mais uma película da Vera Cruz, «E' proibido beijar», com Tônia Carreiro, Ziembinski e Inezita Barroso, sendo que esta grande companhia produtora paulista, tem muitos e importantes projetos para seu jovem galã, entre os quais «Mormaço», com a famosa Cacilda Becker.

Aqui está alguma coisa sôbre Mário Sérgio, talvez muito pouco mesmo, pois sua carreira está ainda em princípio, porém o que já dá uma idéia do que ela seja, e o que será num futuro muito próximo.

ENDEREÇOS DOS ESTÚDIOS

CALIFORNIA

COLUMBIA PICTURES — Gower Street, Hollywood, Calif., U.S.A. — **DISNEY PRODUCTIONS** — 2.400 W. Alameda Avenue, Burbank, Calif., U.S.A. — **PARAMOUNT PICTURES** — 5451 — Marathon Street, Hollywood, Calif., U.S.A. — **R.K.O.-RADIO STUDIO** — 680 N. Gower Street, Hollywood, Calif., U.S.A. — **REPUBLIC PICTURES** — 4024, Radford Avenue, North Hollywood, Calif., U.S.A. — **SAMUEL GOLDWYN** — 1041, North. Formosa Avenue, Hollywood, Calif., U.S.A. — **SELZNICK STUDIOS** — Washington Boulevard, Culver City, Calif., U.S.A. — **20th CENTURY FOX STUDIOS** — Box 900, Beverly Hills, Calif., U.S.A. — **UNITED ARTISTS STUDIOS** — 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, Calif., U.S.A. — **UNIVERSAL INTERNATIONAL PICTURES** — Universal City, Calif., U.S.A. — **WARNER BROTHERS STUDIOS** — Burbank, Calif., U.S.A.

BRASIL

ALEXANDRE WULFES — Rua Paulino Fernandes — Tel. 26-8132 — **ASTRA FILMES** — Rua Sta. Luzia, 285. Tel. 32-7588 — **ATLANTIDA CINEMATOGRAFICA** — Rua México, 51. — **BOTELHO FILMES** — Rua Jorge Rudge, 37. Tel. 48-2111. — **BRASIL VITA FILMES** — Rua Conde de Bonfim, 1.331 — Tel. 38-3497. — **CAPITAL FILMES** — Avenida Franklin Roosevelt, 126 — Tel. 42-3175. — **CINEMATOGRAFICA SOL BRASILEIRA** — Rua Argentina, 51. Tel. 48-0381 — **FILMOTECA CULTURAL** — Rua Álvaro Alvim, 33. Tel. 42-0651 — **FLAMA** — Rua Laranjeiras, 291 — Tel. 25-6820. — **IMPERATOR FILMES LTDA.** — Rua México 7-B, sala 606. — **INTERCONTINENTAL FILMES** — Av. Amaral Peixoto, 178, 5º andar, Niterói. — **JUVENTUS FILMES** — Av. Presidente Vargas, 446, 22º and., sala 3307. — **MULTIFILMES** — Rua Martim Francisco, 303. São Paulo. — **SACRA FILMES** — Rua Evaristo da Veiga, 16, 8º and., sala 807 — **VERA CRUZ** — Rua Major Diogo, 311. São Paulo.

Correio da CENA

Reynaldo I. Daut — Pôrto Alegre — As sugestões dos leitores são sempre muito bem recebidas, se bem que nem sempre seja possível segui-las. Já imaginou se o fizéssemos com todos? As mais interessantes são estudadas e oportunamente postas em prática, tudo dependendo de tempo e espaço. Na Nova Fase, iniciada no número anterior, existirá sempre uma secção de Teatro e os amadores não serão esquecidos. Porque o amigo não nos envia uma colaboração abordando o movimento existente nesse Estado sôbre o Teatro Amador? E' uma sugestão...

★

Francisco Trindade — Fernandópolis, Est. de S. Paulo — Resolvemos suprimir a secção «Um lugar ao Sol», pois achamos muito mais interessante para os candidatos ao cinema nacional que escrevam enviando fotos e dados sôbre sua pessoa aos próprios estúdios que, certamente, possuirão um arquivo para o assunto. Não acha também mais prático?

★

Anilda de Oliveira Brasil — Bom Retiro, Santa Catarina — Como já deve saber, não existe mais aquela secção há bastante tempo, razão pela qual não poderemos atendê-la.

★

Francisco Moura da Rocha — Fortaleza, Ceará — Gratos por suas palavras. A secção de crítica aparecerá dentro em breve nas páginas da CENA.

Walter Junqueira Marquis — S. José do Rio Pardo, E. S. Paulo — Não precisa agradecer. Felicidades e sucesso para o argumento que está escrevendo.

★

Caio Sérgio Hamilton — Santos, S. Paulo — Dentro de poucas semanas sairá ampla reportagem sôbre Marlene Dietrich, o que não impede que nos mande o seu artigo sôbre a esplêndida atriz. Faremos o possível para incluir aquelas duas informações que pede.

★

Cícero Lopes — Lajes, Santa Catarina — Como já dissemos, as colaborações dos leitores não são remuneradas, já sendo grande o estímulo que damos aos mesmos publicando-as. A pessoa que teve aquela idéia e a pôs em execução já não faz parte desta redação. Se fizer muita questão, tomaremos uma providência. Escreva-nos.

★

Aryene Pinto da Silva — Niterói, E. do Rio — Enviaremos dentro em breve o número da revista que pede.

★

Geraldo Edson de Andrade — Natal, R. Gde. do Norte — Como já dissemos acima, teremos brevemente crítica de filmes estreados aqui no Rio. Quanto a dar mais importância ao cinema nacional, já deve ter notado que esta NOVA FASE, iniciada com a edição de 4 de novembro, já resolveu o assunto.

(Cont. na pág. 34)



"NOMES E PSEUDÔNIMOS"

(Cont. da pág. 32)

ginia Mayo foi Virginia Jones. Joan Eunson tornou-se Joan Evans; Joanne Lettitia transformou-se em Joanne Dru. Doris Kapelhof em Doris Day; Janis Dreman em Janis Carter. Melvyn Hasselberg em Melvyn Douglas. Mirna Willians em Mirna Loy. Fred Austerlitz em Fred Astaire; outros preferiram conservar o sobrenome trocando o prenome e aqui estão exemplos: Frank James Cooper que tornou-se Gary Cooper e, respectivamente, Jorge Welles, William Gable, Harry Crosby, Richard Stevens, Larry Grable tornaram-se Osson Welles, Clark Gable, Bing Crosby, Mark Stevens, Buster Grable; há ainda aquêles que só herdaram um prenome ou sobrenome: Oliver Burghes Meredith da dupla «o gordo e o magro», ficou sendo simplesmente Oliver Hardy. Estelle Merle O'Brien chamou-se Merle Oberon, Elizabeth Ruth Davis, Bette Davis. Elizabeth Ruth Grable, Betty Grable, Elizabeth Jeanne Peters ficou sendo apenas Jean Peters. Sara Jane Fulks é Jane Wyman e Katherine Sally Freeney, Sally Forrest. Há pseudônimos que são apenas abreviação dos nomes verdadeiros: Julia Jean Milded Frances Turner é na tela Lana Turner (Lana foi um pseudônimo dado pelo próprio estúdio onde trabalhava). Vera Ellen Rohe conhece-se por Vera Ellen, Charles Clarence Robert Cumings que é apenas Robert Cumings.

No cinema francês temos: Chisalaine Perreau que se tornou Gigi Perreau, e respectivamente, Caroline Cunati, Pauline Ortmens, Maryse Meurer, Anne José Benard, que tomaram os seguintes pseudônimos: Edwige Feilleure, Viviane Romance, Martine Carol, Cécile Aubry.

José e Mel Ferrer não são irmãos como se pensa, mas bons amigos. Elizabeth e Robert Taylor também não são irmãos.

E eis aqui mais alguns não citados nos grupos acima: Joe Yule Jr., Emanuel Goldenberg e Kamin Kert que no cinema chamam-se, respectivamente: Mickey Rooney, Edward G. Robinson e Simone Signoret.

E para finalizar: Charles Edward Pratt balhava); Vera Ellen Rohe conhece-se Boris Karloff e Mario Moreno que inspiraria mais alegria chamando-se Cantinflas.

Do leitor, amigo, atento e obrigado.

JOSÉ RIBEIRO — Rua Sebastião Leite do Canto, 686, Assis, Estado de S. Paulo, Estrada de Ferro Sorocabana.

CENA RADIOFÔNICA

(Cont. da pág. 31)

Tôdas as suas gravações vêm conseguindo ótima venda, sobretudo essa última, em virtude da bonita versão de «Be my love» («hit» norte-americano), que recebeu o título de «Serás tu, meu amor» e do bonito bolero «Último adeus», primeira música de compositores brasileiros que êle teve oportunidade de gravar.

Escobar espera gravar muitas músicas brasileiras, futuramente.

Tem grandes planos em preparo, todos êles com relação ao rádio, discos, «boites», revistas e cinema.

CORREIO DA CENA

(Cont. da pág. 33)

Maria Irene Gomes de Matos — Recife, E. de Pernambuco — Esperamos que receba resposta à carta que escreveu a Marlon Brando. O que dificulta é justamente êle não se prender a estúdio algum. Estamos estudando alguns concursos e outros divertimentos para os leitores. Oportunamente sairá seu comentário sôbre Mr. Brando.

★

Araken Jr. — Santos, S. Paulo — Não é mais aquela pessoa quem dirige esta revista, no entanto, seu artigo aparecerá talvez mesmo nesta edição. Já saíram todos os que o amigo cita? Aguardamos sua opinião sôbre a CENA.

★

B. O. — Bahia — Já saiu uma capa com Jeff Chandler não faz muito tempo, assim como uma grande reportagem sôbre Audie Murphy. Sairá, sim, o seu «bilhete cinematográfico», embora seja um tanto curto demais. Assim, você ganhará a aposta que fêz com suas amigas.

★

José Rodrigues Cunha — Taubaté, E. S. Paulo — Se possuirmos o número da revista a que se refere, enviaremos dentro em breve.

★

Mário Guimarães — S. Paulo, Capital — Seus pedidos serão atendidos dentro das nossas possibilidades. Fotografias, por exemplo, não fornecemos aos leitores, a não ser por meio de concursos que pretendemos iniciar dentro em breve. Gratos por suas palavras amáveis.

LUTO EM 5 MINUTOS
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

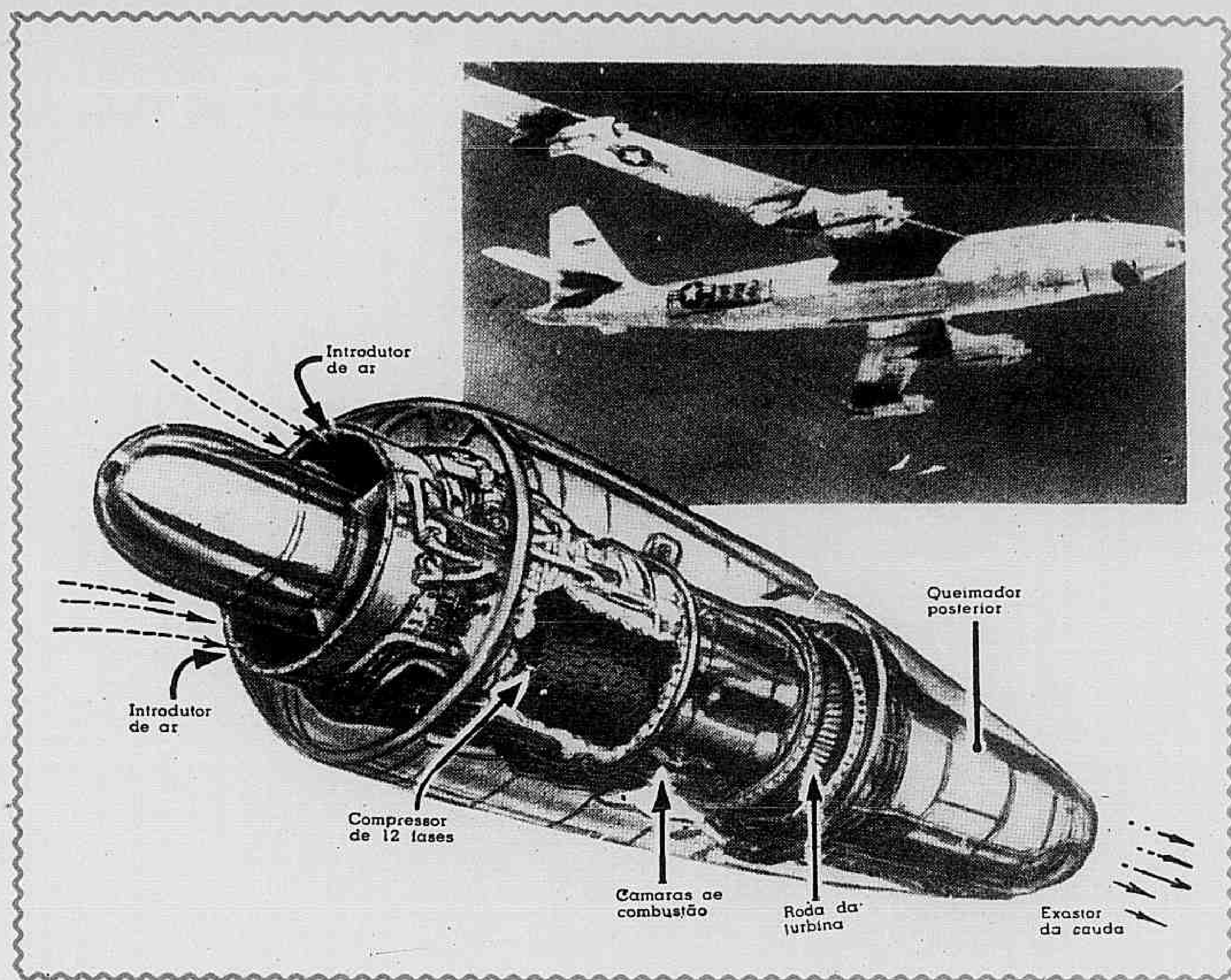
Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino. R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Numero avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954

- Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?
- Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECANICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.
- MAL DE HERANÇA, um belíssimo romance.
- ÊLE CRESCERÁ, uma encantadora comédia, para ser representada.

O ALMANAQUE DEVERÁ ESTAR A VENDA NO PRINCÍPIO DE DEZEMBRO

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.


MÁRIO SÉRGIO